

ISTO É

Edição 32 - 17/4/26



ATÉ O PAPA, TRUMP?

Atolado na guerra do Oriente Médio, o presidente americano se envolve em provocações e polêmicas descabidas com Leão 14 e tem a sanidade questionada por opositores e aliados

CapaPágina
16

MANDEL NGAN/AFP

*O comportamento errático de Trump levanta questões sobre suas condições psicológicas***Índice**

CAPA: FOTOS DE GUGLIELMO MANGIAPANE/REUTERS E ANDREAS SOLARO/AFP

3 ENTREVISTA**6 BRASIL****12 ECONOMIA****16 INTERNACIONAL****27 CIÊNCIA****29 GENTE****30 ESPORTE****31 ESTILO DE VIDA****36 ENTRETENIMENTO****40 O MELHOR DAS REDES****41 PALAVRA POR PALAVRA**

THAIANE MIRANDA

Boulos apresentou proposta sobre escala 6x1

GONZALO MARROQUIN/AFP

Wagner Moura está na lista da Time 100

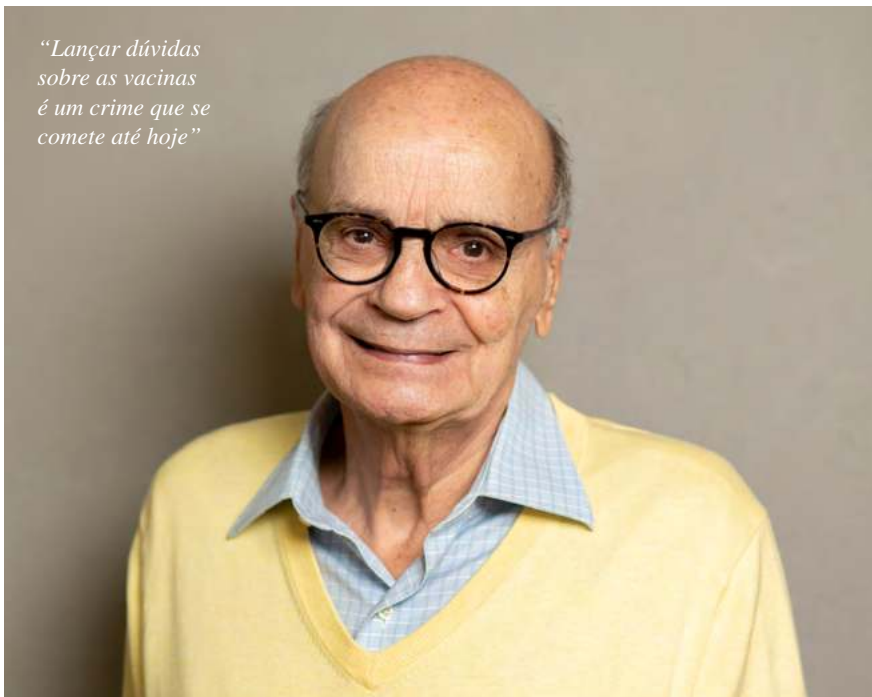
ALEXANDRE SCHNEIDER

*Minissérie da Netflix fala do Brasil do tri***Expediente****ISTOÉ**
publicações

ISTOÉ PUBLICAÇÕES LTDA.

CEO E DIRETOR EDITORIAL
Daniel Hessel Teich**ISTOÉ**EDITORA EXECUTIVA
Lena CastellónDIRETOR DE ARTE
Alexandre AkermannDESIGNER
Mayara NovaisDIRETOR COMERCIAL
Edgardo A. Zabalawww.istoe.com.brInstagram
@revistaistoeYouTube
m.youtube.com/@revistaISTOEX
@revistaISTOETikTok
@revistaistoeLinkedIn
<https://linkedin.com/company/istoe/>**Redação e correspondência**Rua Iguatemi, 192, 18º andar, Itaim Bibi,
São Paulo, SP, CEP 01451-010ISTOÉ - A SEMANA é uma publicação
semanal de ISTOÉ PUBLICAÇÕES LTDA.,
empresa detentora das marcas ISTOÉ e
coligadas, tanto em plataformas digitais
como meios impressos.A empresa não tem qualquer vinculação
editorial e societária com a EDITORA
TRÊS COMÉRCIO DE PUBLICAÇÕES LTDA.
(em liquidação judicial)

“Lançar dúvidas
sobre as vacinas
é um crime que se
comete até hoje”



DIVULGAÇÃO

Sem subestimar a gripe

Drauzio Varella afirma que a doença é muitas vezes confundida com o resfriado e isso leva gente a não querer se vacinar, mas o Influenza, o vírus da gripe, pode levar a complicações fatais

Médico, escritor e comunicador, Drauzio Varella é um notório defensor da ciência. Em suas atividades, leva informações à população sobre diversos aspectos da saúde. Como a temporada de gripe começou mais cedo neste ano, o oncologista faz o alerta pela prevenção por meio da vacina, sobretudo para pessoas com mais de 60 anos. Ele observa que é comum confundirem gripe com resfriado, mas ressalta que a primeira, provocada pelo vírus Influenza, é tão forte que não permite nem trabalhar e suas complicações

podem levar à morte – o que raramente ocorre com o resfriado. O problema é que, desde a pandemia, alastrou-se uma onda de mentiras sobre vacinas, o que ele considera um crime. Daí, a importância de reforçar os benefícios da vacinação. Drauzio esteve recentemente nos Estados Unidos onde apresentou o documentário “A Vida é uma Maratona”, que traça paralelos entre sua dedicação à medicina e a prática da corrida, que o ajudou a atingir bem seus quase 83 anos – o aniversário é em maio.

Thaiz Brito

A temporada de gripe começou mais cedo este ano. Segundo o Instituto Todos pela Saúde, os casos já superaram os do mesmo período do ano passado. O que esse movimento sinaliza do ponto de vista epidemiológico?

Acho que é uma disseminação mais rápida do que foi no ano passado. Isso pode ser medido tanto pelo número de casos de hospitalizações como também pelo número de óbitos por complicações da gripe. Na verdade, há um conjunto de fatores. O principal é o próprio vírus, que é muito mutante. O comportamento dele se modifica de um ano para o outro. Tanto que a vacina tem de ser atualizada anualmente. Pelo que parece, é possível que esse vírus tenha ficado com transmissão mais rápida. Em segundo lugar está a exposição das pessoas. A gente vive num mundo cada vez mais conectado, está perto dos outros. Você tem muito mais tendência a entrar em contato com mais gente. E o vírus se aproveita disso.

Por que a gripe ainda é tão subestimada? E qual é o risco real disso para pessoas com mais de 60 anos?

A gripe é mal estimada porque ela é mal interpretada. Tem gente que acha que qualquer resfriado é gripe. Diz que está gripado. O outro abre a geladeira e espirra porque respirou aquele ar frio. Diz que está gripado. Então, ela é confundida com processos que são benignos. Há mais de 200 vírus causadores do resfriado. O que é o resfriado? É o acometimento por um vírus que tem predileção pelas células do aparelho respiratório alto. Começa com uma dor de garganta, coriza intensa e, às vezes, um pouquinho um pouco de mal estar. A cabeça meio pesada porque acumula secreção, que acaba indo para os seios da face. Mas é um processo benigno que dura de dois a cinco dias. Nem costuma dar febre. Ou, se dá, é baixa, ao redor de 37,5°, mais ou menos. E acabou. Mas as pessoas chamam isso de gripe. A gripe é outra coisa. Se existem mais de 200 vírus, a gente pega resfriados todos os anos. Na média, cada pessoa tem de dois a três episódios. Como muita gente chama isso de gripe, ela perde a importância. A pessoa diz: “Ah, vou tomar

vacina para quê? Seis meses atrás tive uma gripe e foram dois dias meio chatos e acabou”. A gripe é outro vírus, o Influenza. Eles sofrem mutações rápidas e, quando se instalam, provocam um quadro muito diferente. Tenho até um critério para quando alguém diz “Ah, eu estive gripado na semana passada”. Eu pergunto: “Você foi trabalhar?” Se a pessoa responde que trabalhou normal o dia inteiro, não era gripe. Porque, se fosse, ela ia para casa. Com gripe, não dá. Ela provoca primeiro sintomas respiratórios baixos. Geralmente, dá coriza. Acumula secreção nos brônquios, até nos alvéolos pulmonares. Ela é devastadora. Você tem uma dor horrível na musculatura do corpo inteiro, uma moleza e costuma dar febre mais alta. As temperaturas chegam a 38,5°, 39° em adultos. A criança tem episódios de febre alta. Nas gripes, o adulto tem também. Como o vírus acomete as vias respiratórias mais baixas, a gripe muitas vezes complica com quadros de infecções pulmonares. E esse é o problema com ela. Esses quadros, às vezes, levam a pneumonias bacterianas. As bactérias presentes no ar, no ambiente em que a gente respira ou mesmo nas próprias vias respiratórias, elas se aproveitam do processo inflamatório que o vírus provoca e acabam provocando complicações mais graves. Ninguém morre de complicação do resfriado. É muito raro. As complicações do resfriado são mais altas. É o nariz que pega, os seios da face. Tem a secreção que muda de cor: era clara no início e começa a ficar mais amarelada, às vezes esverdeada, o que é sinal de infecção bacteriana. Normalmente nos seios da face são sinusites. Provocam tosse. Quando alguém diz “estou resfriado e tem três semanas que não paro de tossir” não é mais resfriado. O quadro se complicou com sinusite que exige, muitas vezes, antibióticos e tudo.

Hoje, já sabemos que a gripe pode estar relacionada a eventos graves, como infarto e AVC. Por que que isso acontece? O público tem dimensão real desse risco?

O público não tem dimensão real porque nem os médicos tinham a dimensão real. Como chegaram a essas conclusões? Analisando um grande número de casos. Isso foi feito em várias pesquisas em diversos lugares do mundo, mostrando que, nas temporadas de gripe, o número de infartos do miocárdio e o de acidentes vasculares cerebrais (AVC) aumentavam. A questão aí é um processo ligado à inflamação. A gripe provoca uma inflamação nas vias aéreas superiores. É um processo inflamatório sistêmico, que acaba atingindo o organismo inteiro. Em doenças como as cardiovasculares a inflamação faz parte do processo. Se a pessoa tem uma placa de colesterol na coronária, isso

“A varíola era uma doença gravíssima, com cerca de 40% de mortalidade. Era altamente transmissível e desapareceu. Isso foi conseguido por meio da vacinação. Ela foi um flagelo da humanidade por milênios. De repente, surgiu a vacina que a fez desaparecer. E nem assim os idiotas se convencem da necessidade de vacinação”

traz junto um processo inflamatório. Você potencializa esse processo por causa de um quadro gripal. Não é que a gripe provoque diretamente o infarto ou AVC. Indiretamente, por provocar uma inflamação, ela aumenta o risco.

Médicos e cientistas puderam correlacionar melhor dados a partir da pandemia, que chegou com números relevantes, mostrando como a Covid estava associada a outras condições, outras questões de saúde. Pessoas que já tinham doenças inflamatórias respondiam muito pior ao quadro.

Isso que a gente está dizendo tem tudo a ver com o que acontece na prática. Veja as pessoas mais velhas. O pessoal costumava caracterizar a velhice por aqueles com 60 anos ou mais. Você vê isso nos aeroportos ou nas filas todas. E você vê um homem de 60 anos que é um touro de forte. Vê uma mulher rígida, firme. Mudou muito esse critério. Para a maioria, geralmente encontramos esse fase da velhice acima dos 65. E para a grande parte acima dos 70. Então, há uma mudança da epidemiologia; é muito diferente. A faixa da população que mais cresce está acima dos 60 anos. E é essa faixa que tem de ser atingida, tem de entender que a gripe é uma doença infecciosa, que é aguda e ela que vem sem você ter ideia de que está vindo. Mas existe prevenção. Ela tem de ser utilizada. E prevenção você faz enquanto está com saúde. O que acontece, às vezes, é que as pessoas só vão se conscientizar quando começam a ver os amigos, as pessoas da família gripadas. E aí corre para tomar a vacina. Só que ela leva de duas a três semanas para montar uma resposta imunológica adequada. Daí, surgem confusões. “Eu tomei a vacina da gripe e dois dias depois tava gripado”. Bom, primeiro você não estava protegido pela vacina. Segundo, foi gripe que você teve ou foi resfriado? A vacina da gripe não protege contra o resfriado. O vírus da vacina da gripe é um vírus morto. O que fazem os cientistas no laboratório? Eles matam o vírus

e separam as frações que são mais imunogênicas. Isto é, as frações do vírus que são capazes de provocar respostas imunológicas mais potentes. A vacina não protege 100%, mas, se a pessoa for infectada pelo vírus Influenza [após o período necessário para formar as defesas], em geral terá quadros mais leves.

É muito delicado o processo de construção de uma vacina, não é?

Infelizmente nós tivemos uma coisa muito ruim na epidemia de Covid, que foi lançar dúvidas sobre as vacinas. Isso é um crime que se cometeu contra a população e que se comete até hoje.

Você vê na internet até médicos antivacina. Não consigo encontrar outra palavra que não seja crime. Em vacina você tem de acreditar. Nós temos o maior programa de imunizações do mundo, que é gratuito. Eu, criança, não fui vacinado contra nada. Não existia vacina na minha geração. Eu tive todas as doenças da infância. Quando surgiram as vacinas, as mães faziam o quê? Chegava o dia do filho tomar vacina, ela levava no posto de saúde e a criança tomava. Não tinha discussão. Hoje, a pessoa leva o filho para ser vacinado se confiar que essa vacina vai protegê-lo e que não vai provocar nenhum problema nele. Você só vai levar o seu avô para tomar vacina se achar que não causará nenhum problema. “Vou vacinar para proteger contra uma possível infecção e ele vai correr o risco de ter uma complicação por causa da vacina? Esquece”. As pessoas que disseminam esse tipo de dúvida estão cometendo um crime. Não consigo enxergar de outra maneira. Elas têm de ser penalizadas. Nós não temos poliomelite no Brasil há muitos anos. Nós eliminamos a varíola. Ela era uma doença gravíssima com cerca de 40% de mortalidade. Deixava lesões, marcas na pele, no rosto, mesmo para aqueles que se curavam. Era uma doença altamente transmissível e desapareceu. Isso foi conseguido por meio da vacinação. A varíola foi um flagelo da humanidade por milênios. De repente, surgiu a vacina que a fez desaparecer. E nem assim os idiotas se convencem da necessidade de vacinação.

O senhor acompanhou diversos momentos da evolução da saúde. Mesmo com recomendações tão claras, a adesão à vacina ainda é considerada baixa. O que explica essa resistência assim ao seu ver?

Em primeiro lugar, você se vacina quando está com saúde. É prevenção. Se fosse tratamento, todo mundo ia se vacinar. A ação da vacina é preventiva sempre. Portanto, precisa estar claro que ela é importante porque vai evitar o desenvolvimento de uma doença mais



grave. O segundo ponto é que você tem de sentir segurança que a vacina não vai provocar nenhuma doença. Pode ter pequenos efeitos colaterais, mas que serão muito menos graves do que se você adquirir a doença sem estar vacinada. Então, precisamos de campanhas de esclarecimento público. É a educação que leva à vacinação. E precisamos combater as mentiras que chamam de fake news. Essas idiotices de que a vacina causa problemas. Essas vacinas já foram aplicadas em milhões e milhões de pessoas. Os efeitos colaterais são mínimos.

Qual é hoje o principal efeito dessas mentiras ou fake news?

A internet é terra de ninguém. Eu mesmo sou vítima de propagandas de remédios falsos em que eles usam inteligência artificial e que imitam a minha voz com quase perfeição. Isso eles fazem em parceria com as redes, especialmente com Instagram, Facebook, da Meta. E como é? Você faz um vídeo e coloca na internet. Quem vai ver? Você vai ter um alcance limitado, mesmo que a pessoa tenha uma visibilidade maior. Então, o que eles fazem? Pagam para a Meta divulgar [o vídeo]. Quanto mais cara a divulgação, mais pessoas serão atingidas. Então, na verdade, a Meta é sócia desses estelionatários. Ela

recebe dinheiro para fazer essa disseminação. Eles dizem que não tem como controlar, que estão fazendo o melhor. Coisas que não têm nenhum significado, na verdade. Como é que se combatem essas informações falsas? Dando informações verdadeiras e procurando mostrar o que a ciência aprendeu no decorrer desses anos todos.

Recentemente sua trajetória ganhou ainda mais visibilidade com o documentário “A vida é uma maratona”, que traça paralelo entre a medicina e a corrida. O que a maratona te ensinou?

Trabalhei a vida inteira com pacientes com câncer. Mais de 50 anos. Embora tenha criança e adolescentes com câncer, é uma doença que pega mais o extremo da vida. Eu observava que aqueles que chegavam bem aos 70 anos, 80 anos eram os que tinham uma vida mais ativa. Quando estava na faculdade, a medicina acreditava que, se os órgãos ficassem em repouso, eles durariam mais tempo. Eu não encontrava eco na realidade. Via o contrário. Aqueles que se movimentavam chegavam em condições melhores na velhice. Eu ia muito para Nova York quando tinha 50 anos. Nova York tinha uma maratona. Achei que eu devia entrar nessa. Por quê? Porque para percorrer 42 km você tem de ter disciplina. Você não corre de uma hora para outra. Isso me obrigava a ter essa disciplina de acordar cedo, correr, dormir mais cedo e de tomar os cuidados todos. Você desenvolve um estilo de vida. Claro que não é para todo mundo. E também não precisa correr 42 km. Foi o estilo que eu escolhi. Isso me ajudou bastante. Eu vou fazer 83 anos daqui a pouco. E não tenho limitações físicas assim. Saio para gravar com a meninada que tem 30. O que eles fazem eu faço também. Claro que não vou ser ridículo de dizer: “Ah, eu me sinto como se tivesse 30 anos”. Mas isso não me impõe nenhuma limitação. Envelhecer assim é legal. Você tem a experiência e continua tendo condições físicas de fazer o que é necessário. **E**

O que será da escala 6x1

Planalto envia novo projeto, tenta pressionar Câmara, mas deputados querem manter PEC para dar segurança jurídica ao tema; parlamentares não descartam regime de urgência

João Vitor Revedilho



Marinho e Boulos detalharam projeto de lei do governo; proposta reduz a jornada de 44 para 40 horas semanais

Enquanto deputados se reuniam na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) da Câmara para analisar a proposta que altera a escala de trabalho, na quarta-feira, 15, o governo federal optava por um movimento paralelo. Na noite anterior, o Palácio do Planalto enviou ao Congresso um projeto de lei sobre o tema. No terça-feira, 14, os ministros do Trabalho, Luiz Marinho, e da Secretaria-Geral da Presidência, Guilherme Boulos, detalharam a iniciativa à imprensa.

A decisão veio após meses de impasse. A avaliação interna foi de que um texto mais simples poderia garantir

uma tramitação mais rápida e também menos resistência entre parlamentares, diferentemente de uma Proposta de Emenda à Constituição (PEC), que exige quórum qualificado para aprovação. A proposta foi enviada em regime de urgência constitucional

No Congresso, no entanto, o cenário ainda está longe de uma definição. Na CCJ, deputados analisavam propostas apresentadas pela deputada Erika Hilton (PSOL-SP) e pelo deputado Reginaldo Lopes (PT-MG), mas o debate foi interrompido após um pedido de vista conjunto, adiando a discussão. O texto relatado pelo deputado Paulo

Azi (União Brasil-BA) prevê mudanças mais amplas. A proposta estabelece a alteração da escala de trabalho de 6x1 para 4x3 e reduz a jornada semanal de 44 horas para 36 horas. Apesar de defender a admissibilidade da matéria, o relator sugere a criação de uma regra de transição e mecanismos de compensação para as empresas, como a redução de tributos, especialmente sobre a folha de pagamentos.

A versão apresentada pelo governo difere desse modelo. O projeto do Planalto propõe uma redução mais tímida da jornada, de 44 para 40 horas semanais. Inicialmente, a equipe econômica chegou a defender a tramitação em regime de urgência, mas recuou diante da resistência no Congresso.

Nos bastidores, parlamentares avaliam que, apesar da iniciativa do Executivo, a PEC tende a ganhar mais tração. A leitura é de que a proposta constitucional oferece maior segurança jurídica e reduz o risco de questionamentos judiciais.

Líderes não descartam estratégias para acelerar a análise. Uma das possibilidades em discussão é a imposição de regime de urgência da PEC, o que permitiria levar o texto diretamente ao plenário, sem passar pelas comissões.

Independentemente do caminho, a tramitação ainda prevê etapas adicionais. Caso aprovada na Câmara, a proposta terá de ser analisada pelo Senado antes de qualquer mudança entrar em vigor.

A alteração da escala de trabalho é tratada pelo governo como uma das principais apostas políticas para este ano. Integrantes do Planalto veem a medida como uma bandeira capaz de impulsionar a campanha à reeleição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Apesar da pressão por celeridade, interlocutores do Congresso avaliam que o prazo é apertado. Nos bastidores, a leitura predominante é de que dificilmente o texto conseguirá avançar nas duas Casas antes da metade do ano, o que pode comprometer o calendário político do governo. **E**

REPRODUÇÃO/FACEBOOK



RAMAGEMRODRIGUES, ALEXANDER

Booking Number:	26013314
Race:	WHITE
Gender:	MALE
Age:	53
Last Known Location:	
Cell:	BRC3D
Date Booked:	04/13/2026
Number of Holds:	1
Notes:	NONE

IMMIGRATION HOLD

Ramagem foi detido após uma infração de trânsito; na abordagem, foi descoberto que sua situação no país estava irregular

Presos pelo ICE

Ex-diretor da Abin e ex-deputado federal, Alexandre Ramagem é capturado nos Estados Unidos após meses refugiado no país e libertado dois dias depois; condenado no 8 de janeiro é também foi detido

A passagem do ex-deputado federal Alexandre Ramagem pelos Estados Unidos ganhou novos capítulos ao longo da semana passada. Detido na segunda-feira, 13, pelo Serviço de Imigração e Controle de Aduanas (ICE), o ex-parlamentar foi solto dois dias depois, na quarta-feira, 15, após ter sido enquadrado por irregularidades migratórias.

A prisão ocorreu após uma infração de trânsito. Durante a abordagem, autoridades norte-americanas identificaram que a situação de Ramagem no país estava irregular. O nome do ex-deputado chegou a constar no sistema de detidos da Flórida, mas foi retirado após sua liberação — circunstância que ainda é alvo de apuração por parte da Polícia Federal brasileira.

Condenado a 16 anos de prisão por envolvimento na trama golpista, Ramagem deixou o Brasil antes da conclusão

do processo no Supremo Tribunal Federal (STF). Segundo investigadores, ele teria atravessado a fronteira entre Roraima e Guiana de forma clandestina.

Após a fuga, o ministro Alexandre de Moraes determinou a inclusão do nome de Ramagem na lista da Interpol, abrindo caminho para uma eventual detenção internacional. O governo brasileiro, inclusive, já havia formalizado um pedido de extradição no fim do ano passado, com a expectativa de que ele fosse enviado de volta ao país para cumprir pena.

Apesar disso, a prisão realizada nos Estados Unidos não teve relação direta com o processo de extradição. Em nota, a Polícia Federal afirmou que a detenção decorreu de cooperação policial internacional, mas se deu exclusivamente por questões migratórias. “O preso é considerado foragido da Justiça brasileira após condenação”, informou a corporação.

Uma das hipóteses levantadas por investigadores é a de que o passaporte diplomático utilizado por Ramagem para entrar nos Estados Unidos, ainda durante o exercício do mandato, já não teria validade — o que pode ter agravado a situação no país.

A soltura foi inicialmente divulgada por aliados do ex-deputado. Em publicação nas redes sociais, o jornalista Paulo Figueiredo afirmou que Ramagem estava “livre” e agradeceu a apoiadores e autoridades norte-americanas. A manifestação repercutiu entre apoiadores do ex-parlamentar.

Enquanto isso, o caso segue sem definição. Autoridades brasileiras aguardam informações detalhadas sobre os motivos da liberação, ao mesmo tempo em que mantêm o pedido de extradição em aberto. O desfecho dependerá dos próximos passos da cooperação entre os dois países.

Outro caso

A atuação do ICE também alcançou outro brasileiro ligado aos atos de 8 de janeiro. O empresário Esdras Jonatas dos Santos, apontado como um dos líderes das manifestações em Belo Horizonte em 2023, foi preso e segue sob custódia na Flórida.

Considerado foragido no Brasil, ele está detido no Glades County Detention Center, enquanto aguarda a conclusão de procedimentos migratórios. Ainda não há informações oficiais sobre eventual extradição ou deportação.

Esdras é investigado por participação na organização de atos, incluindo a mobilização de manifestantes na capital mineira e o envio de ônibus para a capital federal.

O empresário também responde por suspeitas de agressões a jornalistas e roubo de equipamentos durante a cobertura dos protestos.

Em 2023, o STF já havia determinado o bloqueio de contas bancárias e o cancelamento de seu passaporte. À época, havia indícios de que ele havia deixado o país antes mesmo da suspensão do documento.

O destino de Esdras nos Estados Unidos segue indefinido e dependerá das decisões das autoridades migratórias americanas e da eventual cooperação com o Brasil. **E**

REPRODUÇÃO/ICE/GOVERNO DOS EUA

Impulsionado pelo voto secreto

Odair Cunha dribla resistência do Centrão, obtém placar massacrador e será o próximo ministro do TCU

João Vitor Revedilho

Horas antes da derradeira votação na Câmara dos Deputados para a escolha do novo ministro do Tribunal de Contas da União (TCU), parlamentares do PL e do Novo já se articulavam para desistirem das candidaturas de Soraya Santos (RJ) e Adriana Ventura (SP). A razão estava no apoio ao nome do deputado federal Elmar Nascimento (União Brasil-BA) para a vaga. A estratégia era unificar forças contra Odair Cunha (PT-MG), candidato do governo e do presidente da Câmara dos Deputados, Hugo Motta (Republicanos-PB). No final, as articulações ruíram com um placar massacrador que impôs uma forte derrota à oposição.

A eleição de Cunha para ocupar a vaga de Aroldo Cedraz, aposentado em fevereiro deste ano, começou a ser pavimentada ainda em outubro de 2024. Hugo Motta tentava apoio para a sua candidatura à presidência da Câmara e buscava formar a mesma frente ampla que elegeu o seu antecessor, o ex-presidente da Casa Arthur Lira (Progressistas-AL). Para isso, precisava ceder às vontades do PL, aprovando o projeto da dosimetria para os condenados de 8 de janeiro, e do PT, que pediu exatamente a próxima vaga para o TCU.

No meio do caminho, o Centrão visava atrapalhar de todo jeito a indicação. Ainda em 2025, o deputado federal Danilo Forte (Progressistas-CE), quando era filiado ao União Brasil, lançou sua pré-candidatura ao tribunal de contas. Ele dizia para aliados já ter experiência com orçamento, lembrando que a Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO) de 2024 tinha ficado sob sua relatoria. No fim, acabou preterido pelo partido, que lançou o nome de Elmar Nascimento. Forte obteve apenas 27 votos. Além do antigo relator do Orça-

mento, os deputados Hugo Leal (PSD-RJ) e Gilson Daniel (Podemos-ES) tentaram se colocar para o TCU, mas não passaram dos 20 votos.

Nas últimas semanas, Hugo Motta ligou para os líderes para convencer o Centrão a dar apoio à candidatura de Odair Cunha. Mesmo assim, aliados do presidente da Câmara mantinham certa resistência à indicação. Para garantir os apoios, os petistas recorreram a Lira, visto como o mestre na contagem de votos. O próprio ex-presidente da Câmara já tinha afirmado que Cunha emplacaria uma vitória tranquila no plenário.

O PL não apostava nesse cálculo. Enquanto o impasse persistia, o senador e pré-candidato à presidência da República Flávio Bolsonaro (PL-RJ) passou a articular para emplacar o apoio a Elmar Nascimento. A ideia era dar tração à candidatura para evitar a vitória do petista e enviar um recado de

força da oposição. O baiano se colocou para o TCU após ter sido preterido por Lira na disputa pela presidência da Câmara em 2024.

O resultado, no entanto, evidenciou um cenário completamente diferente. Foram 303 votos a favor de Odair Cunha, contra 93 de Elmar Nascimento. Fazendo um cálculo básico, o PL tem 92 deputados, enquanto o União Brasil tem 47. Ou seja, deputados de ambos os partidos aproveitaram o voto secreto para dar os votos necessários para o petista.

Ainda faltava o aval do Senado, o que não demorou para acontecer. No dia seguinte, o presidente da Casa, Davi Alcolumbre (União Brasil-AP), pautou o nome do deputado no plenário. Ao contrário da Câmara, o PL fechou questão pela bancada inteira contra a indicação de Odair Cunha. Mas a estratégia também não surtiu efeito. Sob os olhares do novo ministro, o Senado aprovou a indicação da Câmara por 50 votos a 8.

Agora, o Congresso Nacional deverá promulgar o nome de Cunha ainda neste mês e, em seguida, o TCU marcará a data da posse. A tendência é que o novo ministro assuma a cadeira no tribunal de contas apenas em maio. **E**

GUSTAVO BEZERRA/PTN/CÂMARA



Odair Cunha (PT) recebeu 303 votos contra 93 de Elmar Nascimento



Nunes Marques deverá ter uma gestão discreta; ele assume o lugar da ministra Cármen Lúcia

LUÍZ ROBERTO

Liderança discreta

Kassio Nunes Marques assume comando do TSE com a missão de controlar avanço da IA, enquanto tenta equilibrar os pratos para um pleito mais tranquilo em relação à 2022

João Vitor Revedilho

O ministro Kassio Nunes Marques, do Supremo Tribunal Federal, já entrou no plenário do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), na terça-feira, 14, com o destino definido. Ele foi eleito por aclamação para a presidência da Corte e ficará à frente do tribunal pelos próximos dois anos, sendo responsável por gerir e comandar as ações das eleições deste ano.

Nunes Marques assume o comando do TSE com desafios já postos à mesa. O principal deles será o monitoramento do avanço do uso de inteligência artificial (IA) no processo eleitoral, especialmente no que diz respeito à disseminação de conteúdos falsos e à manipulação de informações. Ao mes-

mo tempo, o ministro terá de manter a vigilância sobre ataques à Justiça Eleitoral, tema que ganhou centralidade nos últimos anos.

Apesar do cenário, a expectativa entre juristas é de uma gestão mais discreta. Especialistas ouvidos pela reportagem apontam que Nunes Marques deve adotar um perfil moderado, alinhado à tentativa recente de reduzir o protagonismo das Cortes superiores no debate público. A tendência é que o TSE atue de forma mais reativa, evitando se antecipar a conflitos fora de situações consideradas sensíveis.

“O novo presidente do TSE tem perfil mais reservado que Alexandre de Moraes. A Justiça Eleitoral só age

quando provocada, salvo em casos de ataques ao processo eleitoral ou à urna eletrônica — aí pode agir de ofício para defender o Estado Democrático de Direito”, afirma o advogado Ricardo Vita Porto, presidente da Comissão de Direito Eleitoral da OAB-SP.

Na avaliação dele, o espaço para intervenções diretas da Corte tende a ser reduzido no próximo ciclo eleitoral. “Para 2026, espera-se menos espaço para questionamentos sobre a atuação da Justiça. O uso de ofício deve ficar restrito a ataques diretos ao processo de votação. Fora isso, a remoção de conteúdos desinformativos dependerá de provocação da parte prejudicada, com julgamento inicial por juízes auxiliares. Nunes Marques participará principalmente em casos de empate no plenário. A expectativa é de uma eleição mais tranquila”, completa.

A nova composição do tribunal também chama atenção no cenário político. Nunes Marques terá como vice o ministro André Mendonça. Ambos foram indicados ao STF pelo ex-presidente Jair Bolsonaro (PL), condenado a 27 anos e três meses de prisão no âmbito da investigação da trama golpista. A presença dos dois ministros na cúpula do TSE foi comemorada por aliados do ex-presidente, que enxergam na nova configuração uma possibilidade de revisão das condenações impostas a ele — entre elas, a inelegibilidade de Bolsonaro, decretada pela própria Corte eleitoral em 2024 por abuso de poder político e econômico.

A avaliação entre especialistas, no entanto, é de que essa leitura não deve se confirmar. Para Vita Porto, a dinâmica de funcionamento do tribunal reduz o peso de indicações individuais. “Não é relevante quem indicou cada ministro, pois os julgamentos no TSE são colegiados”, afirma. Ele lembra que, além de Nunes Marques e Mendonça, a Corte conta com outros quatro ministros indicados por presidentes do PT, o que garante um equilíbrio na composição.

Embora eleito, Nunes Marques ainda não tem data para a posse no tribunal. Ele assumirá o lugar da ministra Cármen Lúcia, que deixa a Corte após o período de quatro anos como membro do tribunal. **E**

Com transmissão ao vivo, a Câmara dos Deputados votou o impeachment de Dilma no dia 17 de abril de 2016



ANTONIO AUGUSTO

A votação que parou o país

Dez anos depois do impeachment de Dilma Rousseff, o debate sobre a natureza do processo permanece vivo

Marina Miano

O Brasil acompanhou no dia 17 de abril de 2016, a votação do segundo pedido de perda de mandato de um presidente da República desde a redemocratização. Diferentemente do que ocorreu com Fernando Collor em 1992 — que renunciou antes do desfecho —, o processo de Dilma Rousseff (PT) foi até o fim, marcado por polêmicas e ataques contra a então chefe do Executivo, que havia sido reeleita em 2014.

A Câmara dos Deputados, sob o comando de Eduardo Cunha (PMDB, hoje Republicanos), aprovou a abertura do processo com 367 votos a favor. Com transmissão ao vivo, o rito foi palco de ataques pessoais e falas controversas por parte dos parlamentares presentes no plenário, como a do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL), que era deputado federal na época e dedicou seu voto ao coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, torturador de Dilma durante a ditadura militar.

Conforme o trâmite legislativo, o caso seguiu para o Senado, sendo con-

cluído em 31 de agosto de 2016, com 61 votos a 20, resultando na cassação definitiva do mandato de Dilma, que foi substituída pelo vice-presidente, Michel Temer (atualmente no MDB).

Passada uma década, o debate sobre a natureza do processo permanece vivo. Para o jurista José Eduardo Cardozo, um dos defensores de Dilma durante o impeachment, a história validou a tese de “golpe parlamentar”. Ele observou que, no presidencialismo, o afastamento do chefe do Executivo exige um crime de responsabilidade grave, o que não ocorreu, uma vez que a petista foi acusada por práticas corriqueiras de governos anteriores.

Cardozo disse que percebeu a inevitabilidade do desfecho ainda na Câmara, ao notar que a comissão era inteiramente controlada por Cunha. Segundo ele, a estratégia passou a ser uma defesa técnica com o intuito de “desmascarar a fraude” para registro histórico.

A advogada e hoje vereadora Janaína Paschoal (PP-SP), uma das autoras do pedido de impeachment, declarou que

o processo tinha três pilares: desvios do Petrolão (esquema de corrupção na Petrobrás); abertura de créditos sem autorização do Congresso e o uso de dinheiro dos bancos públicos sem contabilização, que recebeu a denominação de “pedalada fiscal”. “Por valorizar a responsabilidade fiscal, entendo que o afastamento da ex-presidente era juridicamente necessário, não se tratando apenas de uma solução política”, pontuou.

Embora critique radicalismos presentes atualmente em ambos os lados do espectro político, Janaína defende que o impeachment foi fundamentado na legislação vigente. Para ela, tanto o caso de Collor quanto o de Dilma foram importantes para aprimorar a democracia por meio de uma “revolução com base na Constituição, sem armas e sem sangue”.

Uma crítica comum entre os especialistas é a desatualização da Lei de Impeachment (de 1950). O cientista político Sérgio Abranches observou que Collor e Dilma foram julgados com regras distintas, gerando arbitrariedades.

Ele defendeu a necessidade de uma nova lei de impeachment para evitar que o instrumento seja usado com “dois pesos e duas medidas”. Cardozo concordou e foi além, ao criticar a omissão do STF (Supremo Tribunal Federal) ao não analisar o mérito dos pressupostos jurídicos do crime de responsabilidade.

“O Judiciário entrou em uma situação difícil, porque ele era acionado para resolver problemas que deveriam ser resolvidos pelos outros poderes. Ao mesmo tempo, em dados momentos, ele começou a ter posturas ativistas, indo além do que era necessário. Então, a meu ver, esse impeachment, mal posto, mal colocado institucionalmente, abalou as estruturas do Brasil”, argumentou Cardozo.

O efeito da Lava Jato

“Lula, deixa eu te falar uma coisa. Seguinte, eu estou mandando o Mesias junto com o papel para a gente ter ele, e só usa em caso de necessidade, que é o termo de posse”. A fala de Dil-

ma, em um telefonema interceptado pela Operação Lava Jato, tornou-se um dos episódios mais emblemáticos da política nacional.

Na ocasião, o diálogo foi interpretado como uma tentativa de blindar Lula das investigações que avançavam rapidamente. O áudio foi tornado público por decisão do então juiz federal Sérgio Moro, que levantou o sigilo da interceptação sob a justificativa de “interesse público”, embora a gravação tivesse ocorrido após uma ordem judicial de interrupção das escutas.

A revelação incendiou o país. Manifestações tomaram as ruas e a oposição da época interrompeu a sessão no Congresso aos gritos de “renúncia”. A crise ocasionada pelo áudio foi considerada como a gota d’água para o impeachment. Dilma, contudo, negou irregularidades e afirmou que o termo de posse era um trâmite burocrático enviado caso Lula não pudesse comparecer à cerimônia de posse devido à saúde da ex-primeira-dama Marisa Letícia.

Segundo Abranches, a operação atuou como uma “coadjuvante” decisiva nesse cenário. Na época, a sociedade desconhecia o que mais tarde se revelaria como um “conluio” entre Moro e o grupo político que ajudou a eleger Jair Bolsonaro. Em sua visão, a legitimidade da operação foi minada quando as evidências desse alinhamento surgiram, especialmente quando Moro aceitou ser ministro da Justiça de Bolsonaro.

Sobre o impacto na democracia brasileira, as opiniões divergem. Janaína vê o processo como um cumprimento do papel das instituições. Cardozo acredita que o impeachment “desconjuntou” o país, fortalecendo o Legislativo via emendas impositivas. Abranches identificou 2016 como o “gatilho” da polarização política atual. Para ele, o muro erguido na Praça dos Três Poderes para separar manifestantes pró-impeachment e contra impeachment, em abril de 2016, foi um símbolo de uma fratura social profunda que ainda não cicatrizou. **E**

Onde estão alguns personagens do impeachment



JONAS PEREIRA



LUIS MACEDO



NILSON BASTIAN



GUSTAVO LIMA



LUIS MACEDO

Dilma Rousseff

Após enfrentar um período de descrédito, alçou um cargo internacional e hoje atua como presidente do Banco dos BRICS. Ela assumiu a função em 2023 e deve ficar à frente da instituição até o fim da década. A ex-presidente vive em Xangai

Michel Temer

Tem atuado principalmente como advogado, professor e articulador político nos bastidores do MDB. Mesmo que seu nome tenha voltado a ser cogitado para concorrer à presidência em 2026, ele afirmou não pretender disputar novamente.

Eduardo Cunha

Presidente da Câmara na época, atuava pelo PMDB e foi o responsável por pautar o impeachment de Dilma na Casa. No ano seguinte, teve o mandato cassado e foi preso no âmbito da Lava Jato. Com o fim da inelegibilidade neste ano, Cunha se filiou ao Republicanos e tenta emplacar como deputado federal por Minas Gerais.

Jair Bolsonaro

Deputado federal pelo PSC à época, foi um dos principais políticos a capitalizar a onda de antipetismo gerada à época. Dois anos depois, foi eleito presidente do Brasil pelo PL e tornou-se o maior símbolo da extrema-direita do país. Em 2022, Bolsonaro e aliados articularam um golpe de Estado com intenção de impedir que Lula tomasse posse. Foi julgado, condenado e preso no final de 2025.

Jean Wyllys

Era deputado federal pelo PSOL. Protagonizou uma das cenas mais famosas da sessão de votação. Após ser ofendido por falas homofóbicas de Jair Bolsonaro, respondeu com uma “cusparada” contra o bolsonarista. Tempos depois, renunciou ao cargo e saiu do país. Hoje, é pré-candidato a deputado federal pelo PT-São Paulo em 2026. É escritor, comentarista e pesquisador.

Efeito no bolso

Guerra no Oriente Médio e repique inflacionário em março levam economistas a projetar IPCA acima da meta pela primeira vez no ano



Projeção de inflação do IPCA passou de 4,36% para 4,71%

A guerra no Oriente Médio começa a afetar as projeções da inflação brasileira. O Boletim Focus, do Banco Central (BC) revelou na segunda-feira, 13, que a projeção para a inflação oficial do país, o IPCA, rompeu pela primeira vez no ano a meta para o final de 2026. O patamar estimado é de 4,71% ao ano, sendo que o centro da meta oficial estabelecida para o indicador é de 3%, e conta com uma margem de tolerância de 1,5 ponto percentual para mais ou para menos. Na semana anterior, a estimativa era de 4,36% e, antes do início da guerra, os analistas projetavam que a inflação terminaria este ano abaixo de 4%.

A projeção do Focus não é feita pelo BC. A autoridade regulatória publica semanalmente a expectativa de diversos agentes do mercado brasileiro. A

revisão nas expectativas de economistas ocorreu após o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) ter divulgado, na sexta-feira, 10, o IPCA de março com um salto de 0,88% no mês, superando a taxa de 0,70% registrada em fevereiro. Com esse resultado, o índice acumulado em 12 meses subiu para 4,14%, acima dos 3,81% observados no período imediatamente anterior. A inflação de março foi a mais alta desde fevereiro de 2025, quando subiu 1,31%, e, considerando apenas os meses de março, foi a taxa mais elevada desde 2022, quando registrou 1,62%.

Para 2027, a projeção volta a situar-se abaixo da meta, em 3,91% ao ano, embora ainda permaneça fora do centro. Em meio ao cenário, o mercado manteve a projeção para a Selic. Os juros devem terminar o ano no patamar

de 12,5%, mesmo diante da elevação nas estimativas inflacionárias. As perspectivas para o Produto Interno Bruto (PIB) também foram mantidas, com expectativa de alta de 1,85% para este ano e de 1,8% para 2027.

Do tomate ao diesel

O IPCA teve alta de 0,88% em março, e apresentou uma aceleração em relação aos 0,7% verificados em fevereiro. Entre os produtos em destaque estão os combustíveis, como diesel e gasolina, e alimentos – neste caso, leite longa vida e o tomate. O desempenho mensal observado em março representa o resultado mais elevado desde fevereiro do ano passado, quando a taxa atingiu 1,31%.

O movimento de alta no mês passado foi impulsionado majoritariamente pelos grupos de transportes e alimentação, refletindo as incertezas geradas pelo conflito no Oriente Médio. O cenário de guerra tem alimentado preocupações inflacionárias globais devido à valorização do petróleo, intensificada pelo fechamento do Estreito de Ormuz. Como reflexo direto da pressão energética, a Petrobras anunciou na semana passada um reajuste de 54,8% nos preços do querosene de aviação para o mês de abril.

O governo federal lançou um pacote de medidas para tentar conter o impacto da guerra ao mercado interno de combustíveis, as quais estão em implementação e poderão custar aproximadamente R\$ 15,7 bilhões à União se consideradas as compensações tributárias e o efeito indireto das exportações do petróleo, calcularam economistas da Warren Investimentos.

Economistas projetam que a inflação dos alimentos deve acelerar no final do ano ou em 2027 devido ao impacto do fenômeno climático El Niño sobre as produções agrícolas e pecuárias. O desequilíbrio climático esperado para o segundo semestre vai afetar o início do cultivo da próxima safra brasileira, cujo plantio de soja tem início ao final de agosto e setembro dependendo da região. Como os grãos são base para a alimentação animal, as quebras de safra afetam o preço das rações e, consequentemente, o da proteína para o consumidor final. **E**

VALTER CAMPANATO/AGÊNCIA BRASIL

Time no ataque

Ao adquirir naming rights do estádio do Palmeiras, Nubank intensifica investimentos no esporte; a jogada agora é envolver o torcedor na decisão final sobre o novo nome

Eduardo Vargas e Lena Castellón

O estádio do Palmeiras, que já foi chamado de Parque Antarctica e apelidado de Jardim Suspense, passará por mais uma mudança de nome. O Nubank adquiriu os naming rights do espaço, que pertencia à Allianz, companhia de seguros e serviços financeiros. Após 13 anos, a parceria foi encerrada e a casa do Palmeiras deixa de ser Allianz Parque. Qual o novo nome? Essa é uma jogada do Nubank ativando seu investimento.

O banco digital anunciou na sexta-feira, 10, o acordo feito com a WTorre, que construiu a hoje arena multiuso (inaugurada em novembro de 2014 no lugar do antigo estádio Palestra Itália) e

administra o espaço, na sexta-feira, 10. Os detalhes sobre o contrato – como valores e prazo – são confidenciais e não foram detalhados.

O Nubank está investindo forte em esporte. No mês passado, a fintech revelou um acordo de longo prazo com o Inter Miami CF (EUA), clube onde joga atualmente o argentino Lionel Messi. Desse modo, conforme comunicado, a marca acelera sua expansão nos Estados Unidos (foi solicitada em setembro uma licença bancária no país, processo que recebeu aprovação condicional em janeiro). Na Fórmula 1, o banco digital tem parceria com a escuderia Mercedes, dos pilotos George Russell e Kimi

Antonelli, atual líder do campeonato. O acerto foi divulgado em janeiro e já está valendo.

No anúncio da aquisição do naming rights do estádio palmeirense, o Nubank revelou que o público irá escolher o novo nome da arena, mas dentro de uma lista já montada: Nubank Parque, Nubank Arena e Parque Nubank. A votação começou no dia 10 e se estende até 30 de abril no site do banco digital e com limite de um voto por CPF.

Quem votar – não precisa ser torcedor, nem cliente do banco – terá a chance de ver seu nome aparecendo em painel na área externa do estádio. A mecânica da ação estabelece que os selecionados serão informados por e-mail para que possam ver seus nomes. Eles também serão exibidos no site da votação.

“Ao contrário de muitos outros estádios do país, o do Palmeiras nunca levou o nome de uma pessoa. É esse fato que inspira a segunda parte da surpresa do Nubank aos frequentadores das arquibancadas. Antes da mudança oficial da identidade, quem votou poderá ter seu nome exibido no espaço”, diz a companhia, em comunicado.

A revelação do nome que vai rebatizar a arena ocorrerá no dia 4 de maio.

A marca escolheu três nomes para definição por votação popular: Nubank Parque, Nubank Arena e Parque Nubank



A transformação visual do estádio ocorrerá no fim de julho, juntamente com a inauguração do espaço do banco no estádio – o lounge Ultravioleta, que será um espaço exclusivo aos clientes Ultravioleta da fintech.

Além do lounge, haverá o Portão Nubank Ultravioleta, que dará acesso aos camarotes e receberá um novo design. O banco informa, pelo comunicado, que, para os clientes, haverá vantagens, com iniciativas, ativações e benefícios “pensados para os diferentes segmentos de público e integrados à jornada do fã na arena”.

Além de estádio, o local tem sido um dos principais polos de entretenimento na capital paulista. Segundo a WTorre, a arena encerrou o ano de 2025 como o principal palco de shows da América do Sul, com 33 eventos que reuniram um total de 1,1 milhão de pessoas.

Em mais de dez anos de operação, o espaço recebeu 17,7 milhões de pessoas em 2,3 mil eventos, sendo 8,6 milhões em partidas de futebol e 8,1 milhões em shows. No total, mais de 400 desses eventos superaram o público de 40 mil pessoas – em dias de jogo, o estádio recebe até 43 mil torcedores; em shows na pista, a capacidade sobe para 50 mil.

“Partimos de um case já muito bem-sucedido de arena multiuso para evoluirmos nossa conexão com novos públicos, sermos mais tecnológicos e nos posicionarmos com destaque num contexto global em que entretenimento e esportes ao vivo são cada vez mais valorizados”, declara Marcelo Frazão, vice-presidente da WTorre Entretenimento.

Parceria não é com o Palmeiras

CEO do Nubank, Livia Chanes destacou que o movimento é puramen-

te de naming rights e não representa uma parceria direta com a agremiação esportiva. “Não temos nenhum vínculo com o Palmeiras enquanto clube. Queremos aproveitar a pluralidade que o estádio traz, que é talvez única na América Latina. Não é uma parceria com o clube, são apenas os naming rights”, reforçou na coletiva realizada na sexta-feira.

Além disso, Livia frisou que, no momento, “não existem outras negociações dessa natureza no Brasil”.

Em Miami, Nu Stadium

Já nos Estados Unidos, o acordo é, de fato, com o clube. O grande chamariz do negócio é o novo estádio do Inter Miami, oficialmente nomeado Nu Stadium, no centro do Miami Freedom Park, inaugurado no início do mês. Ele foi projetado para uso durante todo o ano. A arena tem 26.700 assentos.

Para Cristina Junqueira, cofundadora do banco e CEO da operação emergente nos Estados Unidos, a parceria de longo prazo representa “um alinhamento estratégico com uma franquia esportiva internacional” que compartilha a “ambição e mentalidade global”. Além dos naming rights, o acordo inclui a presença do logotipo do Nu nas costas da camisa do time.

Com esses dois acordos, é lógico que já se pensou em novo encontro entre Palmeiras e Inter Miami, que se enfrentaram na Copa do Mundo de Clubes em 2025, com empate em 2 a 2. A ideia foi mencionada por Cristina nas redes sociais. “Queremos trazer sim (o Inter Miami para jogar com o Palmeiras)! Estamos trabalhando para dar certo na pré-temporada do ano que vem”, escreveu. 

Em MG, o naming rights que deu match

Longe dos holofotes da série A do Brasileiro, o mineiro Uberlândia Esporte Clube celebra um acordo de naming rights que “estava na cara”. A Uber fez um contrato com o clube, que existe há mais de 100 anos, para a temporada 2026. Desde este mês, a marca está estampada no nome do time, que disputa a série D do campeonato nacional. Quer dizer, ela já estava lá, de modo natural, como afirmou a empresa. Agora apenas foi alterada a forma das letras, destacando Uber.

É a primeira vez que a companhia adquire os naming rights de um clube de futebol no mundo. Ela ressalta o fato de o patrocinador ser incorporado ao time sem descaracterizar o nome da agremiação esportiva. Na prática, a identidade e razão social são mantidas. Em campo, a marca estampa a camisa dos jogadores.

O movimento reforça o apoio da Uber ao futebol nacional. Em fevereiro, a empresa anunciou patrocínio à Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e às seleções masculina, feminina e de base, para as temporadas 2026 e 2027 – o que inclui as Copas do Mundo masculina e feminina, esta disputada no Brasil. Segundo Isabella Motta, senior marketing lead da Uber, “o futebol é uma das plataformas culturais mais poderosas do país, capaz de gerar conversas, engajamento e identificação genuína com as pessoas”.

A Uber fechou acordo com o clube Uberlândia



GIOVANNI MENDES



A empresa prepara entrada no Rio para o segundo semestre

REPRODUÇÃO/INSTAGRAM

A gigante que veio da China

A rede Mixue, que tem mais lojas no mundo do que o McDonald's, abre primeira loja no Brasil e quer chegar a mil no país até 2030

Bruno Pavani

Maior rede global de sorvetes e chás gelados, a chinesa Mixue acaba de desembarcar no país, com sua primeira unidade inaugurada na avenida Paulista, no Shopping Cidade São Paulo. E a marca chega com apetite. A meta é contar com mil lojas no Brasil até 2030.

O movimento integra o plano de expansão internacional da companhia fundada em 1997. Hoje, a Mixue é uma gigante do setor de fast food. A rede tem mais lojas do que o McDonald's: 47 mil contra 45 mil da norte-americana, ainda que 90% estejam na China.

O CEO da companhia para o Brasil, Tian Zehong, afirmou que a expectativa para 2026 é lançar entre 60 e 100 lojas. “O número de 60 unidades é uma estimativa mais conservadora, mas, analisando o cenário brasileiro, veri-

ficamos que conseguiremos alcançar com facilidade a marca de 100 estabelecimentos abertos”, disse. Zehong adiantou que a marca prepara a entrada da empresa no Rio de Janeiro para o segundo semestre.

A operação da Mixue no Brasil ocorre por meio de adaptações ao paladar local, mantendo a estrutura que a tornou a maior do segmento no mundo em volume de unidades. A grande aposta no país são as casquinhas e a limonada, além do preço competitivo. A expansão será por meio de franquias, mas a marca promete a inauguração de uma grande loja conceito ainda este ano.

O namoro da companhia com o Brasil começou após a visita do presidente Luiz Inácio Lula da Silva à China em maio de 2025. Na ocasião, a Mixue in-

formou investimento de R\$ 3,2 bilhões por aqui até 2030. A ideia também é fazer do Brasil o principal mercado para a empresa na América do Sul.

Segundo Zehong, o investimento pode ser ainda maior, dependendo de como as operações evoluírem no Brasil. Um dos diferenciais da rede é o uso de produtos frescos, além de boa parte da matéria-prima ser brasileira. Ingredientes como limão, laranja, leite integral, creme de leite, açúcar e açaí já são adquiridos de produtores brasileiros e incorporados na produção das bebidas e sobremesas das lojas.

Para o longo prazo, a companhia não descarta ter uma planta no Brasil para fabricar os produtos que traz de seu país de origem. Atualmente, eles são produzidos em seis unidades fabris na China e distribuídos pelo mundo.

“Conforme a demanda no país for crescendo, nosso objetivo é estabelecer gradativamente uma forte rede de fornecedores locais e construir uma fábrica em território brasileiro. Essa futura unidade servirá para produzir as matérias-primas destinadas às lojas locais e também para exportar insumos para as demais operações do grupo pelo mundo”, completou Zehong.

A escolha do primeiro endereço na avenida Paulista foi definida com base em pesquisas de mercado, importância estratégica da região e receptividade comercial. A companhia identificou que o local vai permitir atender a um público muito amplo e diversificado, que inclui turistas.

A SYN, administradora do shopping, aponta que, a chegada de marcas com forte apelo global, como a Mixue, costuma elevar o fluxo de pessoas no local em até 10%. O shopping também acumula histórico em apostar em empresas asiáticas e já possui a primeira loja da Huawei no país, além de ter feito ativações com a banda de K-Pop BTS e as plataformas Kwai e Keeta.

“O shopping possui histórico de conexão com marcas asiáticas que são ícones culturais. A chegada da Mixue reforça nosso posicionamento como porta de entrada estratégica para empresas internacionais que desejam se conectar ao consumidor brasileiro”, disse Jéssica Zanela, gerente de marketing do Cidade SP. **E**



Leão 14 fez críticas às ações do governo; Trump chamou o papa de fraco

Nem o papa escapou

Atolado em uma guerra incerta no Oriente Médio, Donald Trump resolveu atacar o papa Leão XIV por criticar seu governo, mais um comportamento errático que levou opositores a questionar a “aptidão psicológica” do presidente dos Estados Unidos

Quando se pensa que o presidente dos Estados Unidos, a maior potência militar do mundo, escolhe como inimigo um papa e resolve brigar recorrendo a imagens de autoexaltação, parece que nada de sério pode surgir desse embate. Mas o fato é preocupante e chama atenção de adversários políticos e mesmo de aliados. É o que ocorre com Donald Trump, que decidiu confrontar Leão XIV, que criticou suas

decisões no Irã e na Venezuela, com uma estratégia, no mínimo, controversa. Depois de chamar o sumo pontífice de “fraco”, o mandatário achou por bem publicar uma ilustração em que ele, Trump, se assemelha a Jesus Cristo. Foram tantas as críticas que, no dia seguinte, a postagem foi apagada.

Tudo isso ocorreu no dia em que o vice-presidente J.D. Vance e outros representantes do governo estavam em

Islamabad, no Paquistão, em negociações com enviados do Irã para tentarem encontrar uma solução para o conflito no Oriente Médio, deflagrado no dia 28 de fevereiro. Após 21 horas de reuniões, o saldo foi zero. Autoridades americanas afirmaram na madrugada do domingo, 12, que as tratativas fracassaram devido à recusa do Irã em se comprometer a abandonar seu programa nuclear.

Em contrapartida, um porta-voz do governo iraniano culpou os Estados Unidos pelo rompimento das negociações, sem especificar os pontos de discórdia. Nenhuma das partes indicou o que acontecerá após o término do cessar-fogo de 14 dias, previsto para 22 de abril. Mediadores paquistaneses instaram todos a manter a trégua.

Certamente, o dia foi complicado e desgostoso para Trump. No final da noite daquele domingo, ele foi à rede Truth Social, plataforma da qual é dono, e decidiu soltar o verbo contra o líder da Igreja Católica, que reúne 1,4 bilhão de pessoas no mundo (no governo, Vance é católico).

Escreveu: “Não quero um papa que critique o presidente dos Estados Unidos porque estou fazendo exatamente aquilo para o que fui eleito, de maneira avassaladora. Ou seja, reduzir a criminalidade a níveis historicamente baixos e criar o maior mercado de ações da história”. E prosseguiu: “O papa Leão XIV é fraco no combate ao crime e péssimo em política externa (...) Eu não quero um papa que ache que tudo bem o Irã ter uma arma nuclear. Não quero um papa que ache terrível que os Estados Unidos tenham atacado a Venezuela. E não quero um papa que critique o presidente dos Estados Unidos”.

O que veio a seguir foi a imagem construída por Inteligência Artificial (IA), que viralizou e gerou uma avalanche de comentários negativos. Nela, Trump aparece com um manto vermelho sobre uma túnica branca. Um fecho de luz surge na mão esquerda. A direita repousa de forma iluminada sobre um homem, aparentemente enfermo. À volta de Trump – circundado por um halo – estão um soldado, uma enfermeira, uma mulher em oração, um homem com um boné do MAGA (“Make America Great Again”). Há ainda uma bandeira dos Estados Unidos, a estátua da Liberdade, águias, aviões de combates e mais soldados, porém no céu, como se fossem anjos.

Alguém teria dúvida sobre com quem ele buscava se assemelhar? Perguntado sobre a imagem e a referência a Jesus Cristo, ele tentou convencer que sua intenção era outra. “Não era uma representação disso. Publiquei e achei que era eu como médico. Tinha a ver com a

Para Giorgia, as palavras do presidente americano sobre o pontífice são inaceitáveis



REMO CASILLI/REUTERS

Cruz Vermelha, que nós apoiamos — e só a imprensa falsa poderia inventar essa interpretação”, respondeu.

A ex-congressista republicana Marjorie Taylor Greene, antes aliada de Trump e hoje crítica do presidente, ficou enfurecida, dizendo que a imagem “é mais do que blasfêmia, é o espírito do anticristo”. No Congresso, o deputado Jim McGovern, dos Democratas, foi às redes sociais para condenar a figura criada pela IA. Já Gavin Newsom, governador da Califórnia e um dos opositores de Trump, respondeu assim: “Agora delete sua presidência”.

Uma aliada que reagiu energicamente ao posicionamento do mandatário em relação ao pontífice foi a primeira-ministra da Itália, Giorgia Meloni, uma liderança da extrema-direita. “Considero inaceitáveis as palavras do presidente Trump em relação ao Santo Padre. O papa é o líder da Igreja Católica, e é correto e natural que ele peça paz e condene todas as formas de guerra”.

Foi o bastante para mexer com os brrios do líder norte-americano. Na terça-feira, 14, o ex-presidente dos Es-

tados Unidos, Donald Trump, afirmou estar “chocado” com a primeira-ministra. Em conversa telefônica com o jornal italiano Corriere della Sera, Trump rebateu, classificando a posição da premiê como “inaceitável” e argumentando que ela não se preocupa com a possibilidade de o Irã desenvolver uma arma nuclear, que, em suas palavras, poderia “explodir a Itália em dois minutos”.

Irritado, foi além: “Pensei que ela tivesse coragem, mas me enganei”. Trump revelou ainda que não mantém contato com Giorgia Meloni “há muito tempo”. A distância se deu, segundo ele, porque a premiê italiana não estaria disposta a apoiar os Estados Unidos na Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), nem a colaborar com seu governo no que disse ser a eliminação das armas nucleares. “Ela é muito diferente do que eu pensava”, emendou.

As declarações marcam uma drástica mudança na percepção de Trump sobre a primeira-ministra. Há cerca de um mês, em outra entrevista para o mesmo jornal, ele havia elogiado a premiê, descrevendo-a como amiga e “uma grande líder que sempre tenta ajudar”.

As confusões e estremecimentos causados pela briga com o papa e pela associação com Cristo ocorreram menos de uma semana depois de uma bárbarie proferida por Trump. No dia 7, ele escreveu na Truth Social que “uma civilização inteira” morreria naquela noite, “para nunca mais ser ressuscitada”. Referia-se ao Irã, para pressionar o país a cumprir um prazo dado pelos Estados Unidos para que reabrissem o Estreito de Ormuz, por onde passa um quinto do combustível transportado por mar no mundo. Era uma admissão de genocídio, que causou espanto em especialistas em direito internacional e em representantes do Congresso dos Estados Unidos. No dia seguinte, Washington e Teerã anunciaram ter fechado o acordo de cessar-fogo de duas semanas, que está valendo no momento.

Senilidade

O comportamento errático do presidente levantou questionamentos sobre o equilíbrio psicológico de Trump e mesmo sobre sinais de senilidade. O assunto não é novidade nos corredores da política, algo que pode resvalar sobre etarismo. O ex-presidente Joe Biden deixou a Casa Branca aos 82 anos. Quando assumiu o poder, estava com 78 anos, sendo o presidente mais velho a iniciar seu governo na história do país.

Na pré-campanha eleitoral, a idade de Biden foi explorada por Trump, que completará 80 anos em junho, para questionar a aptidão do adversário para um novo mandato, associando o fato de o democrata ser octogenário à possível falta de energia, à fraqueza e ao declínio cogniti-

vo. Leonardo Paz, pesquisador do Núcleo de Prospecção e Inteligência Internacional da FGV, diz que Biden, de fato, caiu pelo argumento da idade. Mas ele lembra que também sobre Trump, naquele período, os adversários faziam cortes com falas e atitudes que indicavam que a idade parecia pesar sobre o republicano. Para Biden, porém, pesou mais essa impressão.

“Esse assunto está voltando a surgir porque têm aparecido coisas mais escatológicas, como anunciar que vai eliminar uma civilização. Isso é anunciar que vai cometer um crime internacional. Vai cometer um genocídio. É pesadíssimo. Quem comete genocídio, faz de tudo para esconder isso. Obviamente, episódios assim ajudam a corroborar os argumentos de que ele está chegando no limite da razão”, analisou Paz.

Entre os adversários que questionam há tempos a aptidão psicológica do mandatário há um esforço para que se invoque a 25ª emenda. Incorporada à Constituição em 1967, ela foi concebida para garantir a continuidade do poder caso o presidente ou o vice se tornem incapazes de exercer suas funções. A maioria do gabinete (conjunto dos principais secretários do Executivo) pode invocar um dispositivo da emenda para declarar o presidente inapto e transferir os poderes ao vice. O presidente pode contestar a decisão, mas o gabinete pode reafirmá-la. Em última instância, o Congresso tem a palavra final: com maioria de dois terços na Câmara e no Senado, pode tornar a destituição permanente.

De acordo com o jornal The New York Times, a aptidão psicológica do presidente não é mais apenas um tema dos partidos de esquerda, de comediantes com shows noturnos ou de profissionais de saúde mental. Agora, essa preocupação se estende a generais aposentados, diplomatas, autoridades estrangeiras e, surpreendentemente, ecoa também no campo da direita, entre antigos aliados de Trump.

O The Daily Beast reportou que o deputado Jaime Raskin (Democratas), que integra o Comitê Judiciário da Câmara, enviou uma carta ao médico da Casa Branca, Sean Barbabella, pedindo que ele realize um teste cognitivo do mandatário e divulgue os resultados até 24 de abril. Raskin justificou a medida, afirmando que “nos últimos dias, o país assistiu às declarações públicas e explosões do presidente Trump se tornarem cada vez mais incoerentes, voláteis, profanas, perturbadas e ameaçadoras”. O parlamentar solicitou ainda que Barbabella se disponibilize para prestar



REPRODUÇÃO/TRUTH SOCIAL

Imagem criada por IA sugere Trump como se fosse Cristo

O governo prepara a construção de um “arco do triunfo” em Washington



depoimento sob juramento aos membros do comitê. Como os democratas estão em minoria, a carta não tem efeito prático imediato. No entanto, é um indicativo de uma disputa que o governo pode enfrentar caso os seus adversários políticos retomem a maioria na Câmara nas eleições de novembro, as chamadas midterm.

Na carta, Raskin mencionou que, para Marjorie Taylor Greene, Trump “enlouqueceu”. A resposta da Casa Branca foi contundente. O porta-voz Davis Ingle declarou que “a lucidez de Trump, sua energia incomparável e sua acessibilidade histórica contrastam fortemente com o que vimos nos últimos quatro anos, quando democratas como Raskin encobriram deliberadamente o sério declínio mental e físico de Joe Biden”. É uma guerra que, como se vê, continua. E, efetivamente, está no radar de quem vai disputar as eleições de novembro. Um presidente fora do seu melhor equilíbrio poderia diminuir as chances dos representantes de seu partido? A resposta é um sonoro sim.

É possível frear Trump? “Às vezes, os aliados republicanos conseguem travar alguma política ou ação. Mas, quanto à verborragia, é difícil. Boa parte das mensagens mais absurdas dele são publicadas de noite, bem tarde. Ele está lá, sozinho, com os pensamentos dele, e começa a digitar um monte de coisa”, observa Leonardo Paz.

O triunfo de Trump

Enquanto essas discussões estão ganhando espaço entre os adversários políticos de Trump e os conflitos internacionais não se resolvem, o presidente investe em um monumento nababesco. Anunciado na sexta-feira, 10, o projeto prevê a construção de um arco monumental de cerca de 76 metros em Washington, descrito nos documentos oficiais como “Triumphal Arch”, em referência direta ao Arco do Triunfo francês. Mas ele será maior que o original.

O arco é peça central das comemorações dos 250 anos da independência, que se comemoram no próximo 4 de julho. Os desenhos submetidos à Co-

O leão do Vaticano

Nascido em Chicaco (EUA) como Robert Francis Prevost, o papa Leão 14 protagoniza um embate incomum com Donald Trump. A escalada ganhou contornos claros no dia 31 de março, quando, ao deixar o Palácio Apostólico de Castel Gandolfo — residência de verão dos papas nos arredores de Roma —, o pontífice mencionou diretamente o presidente ao defender negociações de paz e a proteção da dignidade humana.

O confronto se intensificou com o passar dos dias. Em 5 e 6 de abril, após ameaças de Trump contra o Irã, Leão 14 reforçou a necessidade urgente de se conter a violência. No dia 7, diante da escalada retórica do presidente, voltou a apelar publicamente por uma saída negociada, alertando para o risco de ampliar o ódio e o sofrimento de civis.

Na segunda-feira, 13, em viagem internacional, o papa afirmou que “não tem medo” do governo Trump e que continuará a se posicionar contra a guerra. Na mesma linha, passou a convocar fiéis — especialmente nos Estados Unidos — a pressionarem autoridades e parlamentares por soluções diplomáticas. O enfrentamento direto se soma a críticas anteriores à política migratória norte-americana, que ele classificou como desumana.

missão de Belas Artes indicam uma estrutura com esculturas douradas, incluindo águias, leões e uma figura inspirada na Estátua da Liberdade, além de inscrições como “Uma Nação Sob Deus” e “Liberdade e Justiça para Todos”, a ser instalada entre o Lincoln Memorial e o Cemitério de Arlington.

A proposta integra um conjunto mais amplo de intervenções na capital que inclui a remodelação do próprio complexo da Casa Branca. Desde outubro de 2025, está em curso a construção de um salão de baile de grande porte na Ala Leste — após a demolição de parte da estrutura original —, com capacidade ampliada para eventos oficiais e previsão de incorporar infraestrutura subterrânea. As obras, alvo de disputas e questionamentos sobre precedentes e impacto institucional, reforçam uma agenda de transformação arquitetônica com forte carga simbólica em Washington. **E**

BRENDAN SMIALOWSKI/AFP

A derrocada

Após 16 anos no poder, Viktor Orbán perde eleição na Hungria; sucessor promete reaproximar país da União Europeia

Péter Magyar, de centro-direita, derrotou Orbán e é o novo primeiro-ministro da Hungria



ATTILA KISBENEDEK/AFR

A noite de domingo, 12, marcou a virada mais significativa da política húngara em décadas. Após 16 anos no poder, o primeiro-ministro Viktor Orbán (Fidesz) foi derrotado por Péter Magyar, líder do partido de centro-direita Tisza. Com participação recorde de 79,5% da população, o resultado deu ao vencedor cerca de dois terços das cadeiras do Parlamento — 138 de 199 — com 53,07% dos votos, contra 38,43% do Fidesz. Ante esse acachapante resultado, Orbán reconheceu uma derrota “dolorosa, mas inequívoca”.

O conservador Magyar, 45 anos, construiu sua candidatura a partir de uma ruptura interna. Ex-integrante do Fidesz, deixou o partido denunciando corrupção e concentração de poder. Durante a campanha, percorreu o país em ritmo intenso — chegando a realizar até seis comícios por dia — com um discurso centrado na recuperação

econômica, redução do custo de vida e recomposição institucional. No plano externo, prometeu reduzir a proximidade com Moscou e restabelecer pontes com a União Europeia, após anos de tensão sob Orbán.

A derrota do ex-premiê altera uma engrenagem central da política europeia. Orbán era um dos líderes que mais bloqueava medidas dentro da União Europeia, usando seu poder de veto para travar decisões, especialmente no financiamento à Ucrânia desde a invasão russa em 2022. O novo governo já indicou que deixará de obstruir um empréstimo europeu de cerca de US\$ 105 bilhões a Kiev, tema travado nos últimos meses.

O impacto se estende à rede política construída por Orbán ao longo de mais de uma década. Ele articulou alianças com governos nacionalistas na Europa Central e apoiou financeiramente gru-

pos políticos e iniciativas de mídia alinhadas a uma agenda populista. Sem ele no poder, essa estrutura tende a perder capacidade de coordenação e influência.

Kai Enno Lehmann, professor associado de relações internacionais da USP, observa que Magyar terá um desafio importante porque Orbán fez com que seu sistema de governo ficasse muito enraizado no Estado. Como resolver isso? “Em 100 dias, Magyar terá de mostrar que tem condições de desfazer esse sistema e colocar a Hungria em uma trilha de democracia pura”, diz.

Aliados diretos já reagem. Na segunda-feira, 13, o primeiro-ministro da Eslováquia, Robert Fico, afirmou que manterá suas prioridades, incluindo a tentativa de retomar o fornecimento de petróleo russo pelo oleoduto Druzhba. Já o premiê da República Tcheca, Andrej Babis, reconheceu a vitória de Magyar e sinalizou continuidade das relações. Ambos atuaram ao lado de Orbán em posições críticas à União Europeia e no uso de vetos a decisões do bloco.

A transição também afeta o funcionamento do grupo de Visegrad (Hungria, Polônia, República Tcheca e Eslováquia), que perdeu coesão após a guerra na Ucrânia e pode ter ainda menos relevância com a mudança de orientação em Budapeste. Ao mesmo tempo, Magyar assume prometendo revisar estruturas internas consolidadas pelo Fidesz — incluindo influência sobre mídia e sistema eleitoral — em um ambiente de inflação elevada e queda do padrão de vida, fatores que pesaram diretamente no resultado das urnas.

O que se pode aprender com a vitória de Magyar? “Muitos políticos de centro-esquerda e de centro-direita vão estudar como ele venceu a eleição. Durante dois anos Magyar deu foco à corrupção e insistiu nesse tema”, avalia Lehmann.

O professor ressalta que, obviamente, a extrema-direita sofre o impacto da derrota, mas ele não acredita que Orbán não irá sumir. Já Leonardo Paz, pesquisador do Núcleo de Prospecção e Inteligência Internacional da FGV, comenta que não dá para dizer hoje que a direita ficará mais enfraquecida a partir da derrota de Orbán. “Vejo mais como um caso isolado. Os partidos de direita, os mais populistas, têm ganhado força em várias países”, justifica. **E**

Uma ilha sob o garrote

Asfiziada pelo bloqueio norte-americano, Cuba tenta sobreviver a uma duríssima crise energética e o desabastecimento crônico que penalizam sua população

Lena Castellón

Romancista, ensaísta e jornalista, Leonardo Padura escreveu em um artigo no espanhol *El País* que Cuba está na moda. Virou assunto do momento. Publicado no domingo, 12, o texto diz que ele vem sendo procurado por diversos colegas de profissão, todos querendo seu ponto de vista sobre o que está se passando em Cuba e o que vai acontecer com a ilha. “Sobre a mesa estão todos os cenários”, declarou, advertindo, na sequência, que ninguém conseguiria, por ora, se inclinar por alguma das possibilidades que se imaginam. A depender das palavras de Donald Trump, presidente dos Estados Unidos, a nação de 11 milhões de habitantes será seu próximo alvo, depois do

conflito no Oriente Médio – deflagrado a partir de ataques do país, junto com Israel, ao Irã.

Em 16 de março, o mandatário norte-americano havia soltado uma de suas bravatas, dizendo que seria uma honra tomar Cuba. Nesses termos. Ele estava respondendo a repórteres na Casa Branca quando foi perguntado pela ilha, com quem estava negociando o fim das sanções que impôs ao país. “Toda a minha vida ouvi falar de Cuba e dos Estados Unidos. Quando os Estados Unidos iriam fazer isso? Acho que terei... a honra de tomar Cuba. Seja libertando-os, tomando-os. Acho que poderei fazer o que quiser com eles, para dizer a verdade. Eles são uma na-

ção muito fragilizada agora”, afirmou. Naquela data, a ilha sofreu um apagão total. Era o sexto ocorrido em um período de um ano e meio.

Dias antes, o presidente cubano, Miguel Díaz-Canel, admitiu, em pronunciamento público, que o governo estabeleceu conversas com Washington com o objetivo de “buscar soluções, por meio do diálogo, para as diferenças bilaterais”. Diante desse contexto, a frase de Trump soava ainda mais estridente aos ouvidos cubanos.

O presidente cubano reagiu: “Qualquer agressor externo encontrará em Cuba uma resistência inexpugnável”. A mensagem encontrou eco entre fiéis apoiadores do comunismo caribenho, como o cantor e compositor Silvio Rodríguez, muito popular nos países que falam espanhol. “Exigo minha AKM [um fuzil usado pelo exército da então União Soviética], caso se lancem. E que conste que digo isso muito seriamente”, comentou em um post que ele publicou em seu blog pessoal, o Segunda Cita.

Outros cubanos também se sentem impelidos à resistência, movidos pelo espírito heroico e o idealismo romântico que ainda hoje sobrevivem de forma inexplicável entre tamanha adversidade. Morador de Havana, Jorge Antonio Ferrera Díaz, cientista social aposentado de 78 anos, afirma que a população está disposta a defender a soberania e a independência do país a qualquer custo. “Há plena consciência de que enfrentaríamos uma máquina de guerra altamente desenvolvida tecnologicamente, mas defenderemos a pátria com decisão, dignidade, bravura e entrega”, diz à reportagem, em mensagem escrita.

Mas há aqueles a quem a realidade terrível tratou de calibrar expectativas e opiniões. Também moradora da capital, a professora aposentada Carmen (que prefere não revelar seu sobrenome), de 70 anos, é uma das que defendem uma solução mais equilibrada — se é que isso é possível — com o inimigo gigante do norte. “Não quero ver meu país envolvido em uma guerra. A guerra tem uma face feia. Não quero uma invasão, porque isso traria consequências funestas, sobretudo para a população civil. Penso que, sem abrir mão da nossa soberania, os governos podem chegar a um entendimento para pôr fim



ADALBERTO ROQUE

Com a falta de gás, a população tem dificuldades para cozinhar; algumas pessoas usam carvão



Chico Buarque viajou para Havana com a esposa Carol Proner e o enteado Francisco Proner

REPRODUÇÃO/INSTAGRAM

às sanções” — leia os dois depoimentos nesta reportagem.

Com a guerra contra o Irã, os Estados Unidos tinham deixado a ilha em segundo plano, exceto por um ou outro comentário de Trump. Aparentemente. Na quarta-feira, 15, o jornal USA Today publicou que um planejamento militar para uma possível operação liderada pelo Pentágono em Cuba está sendo discretamente intensificado. Tudo ficaria pronto para o caso de Trump dar a ordem para intervir na ilha. O diário pontua que foi também uma operação discreta dos Estados Unidos que retirou o ex-presidente

venezuelano Nicolás Maduro de seu complexo em Caracas, em 3 de janeiro (hoje ele está preso em Nova York), fato que especulações de que Cuba seria o próximo alvo. Entre as autoridades norte-americanas, porém, diferentemente do que argumentavam em relação à Venezuela e ao Irã, o país não é visto como uma “ameaça iminente”.

Em Havana, o governo de Díaz-Canel recebeu projetos de ciência e inovação relacionados a fontes de energia renováveis na terça-feira, 14, em uma iniciativa quixotesca frente ao tamanho do desafio. Segundo o Granma,

veículo oficial do Partido Comunista cubano, as iniciativas, apresentadas por cientistas e especialistas, são capazes de fornecer soluções eficientes em curto prazo. Uma das propostas pretende colocar em operação projetos de biogás replicáveis no país, “com base no potencial oferecido por resíduos suínos, pecuários e industriais”.

As medidas são urgentes, já que a crise energética é grave e os alimentos estão escasseando e os preços subindo, ainda que barcos e aeronaves com ajuda humanitária estejam chegando à ilha nos últimos dias — um navio russo foi recentemente autorizado por Washington a levar combustível para a ilha. A autorização se deve ao bloqueio desse tipo de transporte imposto pelos Estados Unidos no início do ano, o que gerou a intensidade da crise atual, que compromete desde o transporte público até o acesso a itens básicos de sobrevivência.

Na reunião da terça-feira, Díaz-Canel afirmou que o país tem duas prioridades, alimentação e energia, e que ambas estão intimamente relacionadas. E reiterou que integrantes do governo tirem partido das fontes de energia renováveis e integrem essas iniciativas no menor tempo possível.

O cenário atual de Cuba é extremo para a população, representando um

Pontos de ônibus vazios

“Temos tido problemas com o fornecimento de eletricidade. Talvez a minha área um pouco menos do que as que me cercam, mas há grandes problemas com o fornecimento de gás liquefeito. E, com esses graves problemas de eletricidade, a conexão à internet é quase nula. Como não há gás, adotamos como alternativa comprar fogareiros elétricos ou a carvão. Cozinhar com um fogareiro elétrico é uma situação difícil. São longas horas sem energia elétrica. Acender carvão também não é fácil. É preciso ter algum combustível. E de onde sai esse combustível? Melhor nem falar disso. Os alimentos são muito difíceis de se conseguir porque não há, mas os preços também influenciam muito. A cada dia os preços sobem e sobem. Mas os alimentos são adquiridos por particulares que se dedicam a

vendê-los. É preciso recorrer a eles porque nos estabelecimentos do estado não há, nem estão garantidos de forma regular. Claro que tem problemas com o trabalho, porque se chega atrasado por falta de transporte e, às vezes, até se falta ao trabalho porque não há transporte público. Há quem faça longas caminhadas. Os pontos de ônibus já estão vazios porque ninguém se dá ao trabalho de esperar. Não sei muito sobre as alternativas que estão sendo adotadas. Comprar um painel solar só pode quem tem esse dinheiro, porque é bastante caro. Para mim, não é uma alternativa manter apagões por tantas horas para economizar combustível, porque isso causa incômodos. O presidente fala de resistência criativa. As pessoas estão dispostas a resistir para manter a vida. Somos criativos cozinhando com lenha, com

carvão — que também não é barato —, caminhando quilômetros para chegar ao trabalho, as mães para alimentar seus filhos pequenos. Cada um é criativo com as possibilidades que tem. O cubano ama a liberdade, suas tradições; somos alegres, somos genuínos. A maioria não emigra por política, mas para melhorar economicamente, o que se traduz em ter mais conforto de vida. O cubano vai embora, mas a maioria não se desvincula de Cuba — e quando digo Cuba, refiro-me à família e aos amigos. O bom cubano não se separa por ideologia. Podemos estar em ‘lados diferentes’, mas a amizade prevalece. Há quem vá embora de Cuba e diga: não volto mais. Mas há outros que retornam e estendem a mão”.

Carmen, professora aposentada, 70 anos, divorciada, mãe de dois filhos (um emigrou)

dos momentos mais delicados e desafiadores da ilha nos últimos anos. Gerson Damiani, especialista em direito internacional e secretário-executivo do Centro Ibero-Americano da USP, explica que, desde que perdeu o apoio de antigos parceiros socialistas, a ilha vem passando por crises. As sanções dos Estados Unidos são aplicadas desde os anos 1960. A que se vê hoje, com as medidas determinadas por Trump, é um quadro de colapso. A área que mais gerava receitas para a ilha, o turismo, por exemplo, caiu drasticamente.

Para ele, não há como o governo cubano oferecer resistência aos Estados Unidos, se o presidente decidir por uma ofensiva sobre a ilha. A resistência possível é a moral. É importante, ante essa hipótese de “tomada” de Cuba, ficar atento aos preceitos do direito internacional. Damiani menciona o princípio da não intervenção, um conceito consagrado na ONU, para esclarecer que a ação unilateral é ilegal (são proibidas operações militares em outro país sem autorização internacional). “Hoje, os Estados Unidos não têm razão para alegar legitimidade em uma intervenção”.

Mas o que aconteceu na Venezuela demonstra que o governo Trump não se intimida com isso. Na visão de Damiani, as maiores reações contra as decisões do executivo – e com potencial de influenciar as resoluções do presidente – serão internas. Afinal, há eleições nos Estados Unidos em novembro (chamadas de midterm), em que há renovação

de deputados e senadores. A avaliação da população sobre o governo é crucial para a manutenção da maioria parlamentar no Congresso pelo partido Republicano, o de Trump.

“O cidadão, quando vai colocar seu voto, está mais preocupado se a inflação vai voltar”, pontua Damiani. Os custos das intervenções do governo já se refletem no dia a dia dos norte-americanos, adicionando uma camada extra de pressão inflacionária. A guerra com o Irã, por exemplo, consumiu mais de US\$ 11,3 bilhões apenas nos seis primeiros dias — um ritmo elevado de gasto público que, combinado à alta do petróleo provocada pelo conflito, amplia os custos de energia, transporte e produção. Esse duplo efeito tende a pressionar preços ao consumidor e reforçar um ambiente de inflação mais persistente nos Estados Unidos.

O que o governo Trump ganharia com uma ação militar sobre a ilha? “Os Estados Unidos nunca digeriram Cuba, onde não tem poder de influência. É mais uma questão simbólica. É mais pela lógica da hegemonia mundial e para mostrar para a China que a América Latina é área deles. Hoje, as ameaças não são militares; são econômicas e energéticas. Cuba não se enquadra nesses casos. A pressão sobre o país é muito mais pela forma de os Estados Unidos se estabelecerem de forma regional e enviarem mensagens de poderio para a China e para a Rússia”, analisa Damiani.

Mercado paralelo

“Estes dias transcorrem em meio a imensas dificuldades. Quase 90% da energia elétrica em Cuba se origina em velhas termelétricas que consomem muito petróleo e requerem regularmente reparações e manutenções. Um tema sensível que o bloqueio afeta é o dos alimentos, uma boa parte dos quais deve ser importada e encontra dificuldades, dado que muitos países não se expõem a fornecê-los para evitar sanções. Em Cuba, desde o início dos anos 60, estabeleceu-se uma distribuição controlada e proporcional de alimentos às famílias a preços subsidiados pelo estado, mas, em honra da verdade, estes não resultam disponíveis para todo o mês. Por isso, as famílias se veem obrigadas a recorrer a um mercado paralelo cujos preços são mais elevados e, em muitos casos, abusivos. Foi necessário regular o trabalho à distância; as escolas funcionam com horários reajustados e carências de livros e materiais de estudo; a importante rede de consultórios do Médico da Família, policlínicos e hospitais se mantém em funcionamento, embora com carências de medicamentos e limitações de equipamentos por falta de insumos e peças de reposição. Evidentemente, todas as dificuldades enfrentadas pelo país causam desalento e incômodo na população que as sofre. A maioria tem consciência de que o principal obstáculo ao desenvolvimento é a política agressiva norte-americana contra Cuba. O governo dos EUA engana a humanidade ao afirmar que os problemas de Cuba se devem ao fato de que ‘o socialismo é um sistema fracassado’. Se fosse tão fracassado, por que eles mantêm a política de bloqueio? Não é isso um grande cinismo? Cabe aqui uma pergunta: que outro país do mundo poderia enfrentar, em condições de relativa paz, durante tantos anos, as privações impostas pelo bloqueio ao nosso povo? Existe algum outro exemplo? Cuba está disposta a abrir espaços de diálogo com os Estados Unidos em condições de igualdade e respeito. Cuba nunca pediu que os Estados Unidos deixem de ser capitalistas”.

Jorge Ferrera Díaz, cientista social aposentado, 78 anos, casado, pai de dois filhos



Jorge Ferrera Díaz: escolas e hospitais em funcionamento

ACERVO PESSOAL



O presidente Díaz-Canel afirma que o país tem duas prioridades: alimentação e energia

NORLYS PEREZ

"Cubaneidade"

Com viagens rotineiras para Cuba para assessorar a FAO e o governo no Plano de Soberania Alimentar e Educação Nutricional, desde 2019, Frei Betto conta que a vida no país está marcada pela asfixia energética. Ele observa que 60% da energia dependem da importação de combustível, produto que antes vinha da Venezuela, da Rússia e do Irã. Com o bloqueio desde janeiro, veio o descalabro. Ainda assim, há setores que funcionam em um nível de "normalidade" em contraponto a outros. É o caso do sistema de saúde e o de educação, da creche ao segundo grau. Já o transporte se transformou em caos.

Sem meios de levar os alimentos de uma região para a outra, o abastecimento está comprometido. Em março, apesar do aperto, Frei Betto reportou que havia alimentos para a população, que não estava passando fome. De acordo com ele, come-se o que há, o que chega. E há forte inflação.

Sobre o ânimo do povo cubano, ele diz que há um sentimento de união. No país, há um forte anti-americanismo, o que já dispõe a população contra certas propostas que venham de Trump, como escolher um dirigente para a ilha, do modo como fez na Venezuela. "Existe uma expressão que é cubaneidade. É algo arraigado no povo, uma ideia de nacionalismo sem ser xenófobo", explica. Isso está aflorado. Como ninguém sabe o que os Estados Unidos pretendem fazer, nem Trump, comenta Frei Betto, é preciso esperar para ver os rumos das negociações.

No artigo feito para o jornal El País, o escritor Leonardo Padura afirma que "mudanças estão sendo promovidas, com algum impacto social, e que se tenta fazer o que poderia ter sido feito antes. Porque o fato incontestável é que Cuba precisa mudar — mas não deveria ser porque está sendo sufocada por forças externas, e sim porque os cubanos, empobrecidos, cansados e sem esperança, precisam dessa mudança em muitos sentidos. E já não é raro que haja quem deseje mudanças a qualquer custo, independentemente de onde venha o impulso".

NORLYS PEREZ



Cubanos convivem com os apagões; EUA impôs em janeiro bloqueio a transporte de combustível para a ilha

Nestes dias de abril, outro brasileiro rumou para a ilha, prestando solidariedade e oferecendo sua arte como apoio à resistência a estes tempos de bloqueio severo. Chico Buarque viajou a Havana para encontrar o amigo Silvio Rodríguez, o que avisou que pegaria em armas, se preciso fosse. Em posts em seu perfil no Instagram, o autor de "Construção" narrou o encontro. A última visita de Chico a Cuba tinha acontecido 34 anos atrás. Desta vez, ele e Rodríguez entraram em estúdio para gravar uma nova versão de "Sueño con Serpientes", clássico do repertório do artista cubano (e que já tinha sido vertida para o português por Chico).

"Em meio ao endurecimento das sanções contra a ilha e ao agravamento da crise econômica e energética, a viagem ocorre como demonstração de solidariedade ao povo do país", consta no Instagram. Chico esteve na ilha junto com a esposa, a jurista Carol Proner e o enteado, o fotógrafo Franciso Proner. O cantor também realizou a doação de remédios ao Ministério da Saúde cubano. Um vídeo postado sobre o último dia na ilha mostra Chico sendo recebido por músicos cubanos que o encontram à beira-mar. Juntos, cantam "Pequeña Serenata Diurna", outro sucesso de Rodríguez. Uma concessão à poesia em meio à privação e o futuro sombrio do país insular. **E**

O mundo em resumo

As notícias que se destacaram no noticiário internacional durante a semana

Canadá

Partido Liberal garante maioria e reforça governo

Um ano após chegar ao poder sem maioria, o primeiro-ministro do Canadá Mark Carney, do Partido Liberal, consolidou o controle do Parlamento ao vencer eleições parciais na segunda-feira, 13, em Ontário e Quebec. A legenda assegurou maioria até 2029. Ex-presidente do Banco do Canadá e do Banco da Inglaterra, Carney governa com agenda de centro, combinando expansão de gastos e busca por novos acordos comerciais. O reforço ocorre em meio a tensões com o governo de Donald Trump e a desaceleração econômica.

Equador

País pede ao Paraguai que trate narcotraficantes como terroristas

O governo equatoriano solicitou na terça-feira, 14, ao Paraguai que classifique como terroristas cinco organizações de narcotráfico do país que têm atuação transnacional. A medida integra a estratégia de combate ao crime organizado adotada pelo presidente Daniel Noboa, com apoio dos Estados Unidos. Entre os grupos citados está o Los Lobos, uma das principais facções do país. A proposta busca ampliar a cooperação regional e endurecer o enfrentamento às redes criminosas.

Peru

Falhas logísticas tumultuam apuração para segundo turno

Os eleitores peruanos tiveram de recorrer à paciência para saber os candidatos que passaram para o segundo turno. O pleito, realizado no domingo, 13, foi marcado por falhas logísticas que deixaram cerca de 50 mil pessoas sem votar e levaram à extensão da votação. Com mais de 90% das urnas apuradas até a quarta-feira, 15, o candidato de esquerda Roberto Sánchez assumiu o segundo lugar na eleição presidencial e deve ser o provável adversário da direita Keiko Fujimori no segundo turno, em junho. Sánchez, que tem o apoio das regiões andinas, ultrapassou por margem estreita o ultraconservador Rafael López Aliaga.



Noruega

Paciente entra em remissão de HIV após transplante

Um homem de 63 anos teve remissão do HIV após transplante de medula óssea para tratar um câncer no sangue, segundo estudo publicado na segunda-feira, 13, na revista *Nature Microbiology*. O caso ocorreu após o paciente, diagnosticado com câncer em 2017 e soropositivo desde 2006, receber células do irmão, que tinha uma rara mutação genética (CCR5) capaz de bloquear o vírus. Dois anos após a cirurgia, ele deixou os medicamentos e o HIV não foi mais detectado. O procedimento, porém, é de alto risco e não se aplica à maioria dos pacientes.

França

Governo acelera plano para reduzir uso de combustíveis fósseis

O primeiro-ministro francês Sébastien Lecornu anunciou na sexta-feira, 10, em Paris, medidas para reduzir a dependência de gás e petróleo após a alta dos preços com a guerra no Oriente Médio. O plano do governo de Emmanuel Macron prevê cortar a participação dos combustíveis fósseis de 60% para 40% até 2030, ampliando o uso de energia renovável e nuclear. Serão até €10 bilhões anuais em subsídios para eletrificação. O governo proibirá aquecimento a gás em novas construções a partir do fim de 2026 e incentivará veículos elétricos, com apoio a trabalhadores e empresas.

Espanha

Primeiro-ministro aprova regularização de 500 mil imigrantes

Na terça-feira, 14, o primeiro-ministro Pedro Sánchez anunciou que o Conselho de Ministros aprovará a regularização extraordinária de quase 500 mil imigrantes sem documentos no país. A medida, que não precisa de aval do Parlamento, foi defendida como um reconhecimento de pessoas já integradas à sociedade espanhola. Segundo a ministra das Migrações, Elma Saiz, o processo, com início previsto na sexta-feira, 16, tem conclusão prevista até 30 de junho.



Tripulação deixou a cápsula cerca de 50 minutos depois da amerissagem

US NAVY/REUTERS

A próxima viagem

Missão Artemis II termina com recordes, valida sistemas inéditos em voo tripulado e reposiciona a lua como eixo da nova corrida espacial

Com o fim da missão Artemis II, com a amerissagem da cápsula Orion nas águas do Pacífico, na costa de San Diego, na sexta-feira, 10, concluiu-se apenas uma parte de um projeto maior da Nasa. Acompanhada com atenção na TV, pela internet e por plataformas de streaming, a jornada foi avaliada com sucesso pelo governo norte-americano e já serviu de base para planos bem ambiciosos, que colocam Marte como a próxima fronteira da corrida espacial. Na próxima semana, a agência espacial deverá trazer mais detalhes da missão futura, a Artemis III.

Com a amerissagem, ocorrida às 20h07 no horário local (00h07 do sábado, 11, no fuso de Brasília), encerrou-se um voo de dez dias que levou quatro astronautas — Reid Wiseman, coman-

dante; Victor Glover, piloto; Christina Koch, especialista de missão, os três dos Estados Unidos; e Jeremy Hansen, da Agência Espacial Canadense — ao redor da lua, incluindo a passagem pelo chamado lado oculto do satélite.

A missão foi acompanhada com transmissões ao vivo e forte repercussão nas redes sociais, especialmente no momento em que a cápsula Orion percorreu o lado oculto, quando ficou sem comunicação com a Terra (o que era calculado), e na hora de voltar para casa, por assim dizer.

A Orion reentrou na atmosfera terrestre a cerca de 40 mil km/h antes de iniciar a sequência de desaceleração que marcou os momentos finais da missão. Primeiro, dois paraquedas menores estabilizaram a nave; em seguida,

três paraquedas principais se abriram gradualmente, inflando no céu até frear a descida a cerca de 30 km/h. Suspensa sobre o Pacífico, a cápsula tocou a água com impacto controlado e permaneceu estável, cercada rapidamente por equipes de resgate.

A operação seguiu em ritmo contínuo até a abertura da escotilha. Os astronautas foram retirados cerca de 50 minutos depois da amerissagem. Um a um, eles foram içados e levados de helicóptero ao navio USS John P. Murtha, encerrando a jornada com o mesmo nível de precisão que marcou todo o voo.

Lançada em 1º de abril, às 18h35, no horário da Flórida (19h35 em Brasília), a bordo do foguete SLS (Space Launch System), a missão percorreu 694.481 milhas (em torno de 1,1 milhão de quilômetros) ao longo de toda a trajetória. No ponto mais distante, a tripulação atingiu 406.771 quilômetros da Terra, superando o recorde estabelecido pela Apollo 13, em 1970.

Números como esses são registrados pela Nasa. A agência informou também que a Orion se aproximou a cerca de 6.547 quilômetros da superfície lunar durante o sobrevoo realizado no dia 6 de abril. Foi nesse trecho que os astronautas ficaram sem comunicação com a Terra por aproximadamente



NASA/JOSH VALCARCEL

Para a Nasa, a missão cumpriu integralmente seus objetivos

41 minutos, devido à posição da nave atrás da lua, que bloqueia o sinal.

Com a Artemis II, foram registradas mais de 7 mil imagens da superfície lunar e do espaço profundo. Os registros incluem crateras de impacto, fluxos de lava antigos, fraturas geológicas e variações de cor do terreno, além de fenômenos como um eclipse solar observado a partir da nave. Parte desse material deve orientar a seleção de áreas de interesse para futuras missões, especialmente na região do polo sul lunar.

Do ponto de vista técnico, a avaliação da Nasa é de que a missão cumpriu integralmente seus objetivos. “Artemis II demonstrou habilidade, coragem e dedicação extraordinárias à medida que a tripulação levou a Orion e o sistema SLS mais longe do que nunca”, afirmou o administrador da agência, Jared Isaacman, via comunicado.

Pela primeira vez, a espaçonave Orion operou com astronautas em uma missão de espaço profundo. Foram testados sistemas de suporte à vida, navegação, comunicação e protocolos de emergência. Em diferentes momentos, a tripulação assumiu o controle manual da nave, gerando dados que serão utilizados em futuras operações de acoplamento com módulos de pouso.

A Nasa também destacou o desempenho dos sistemas de reentrada, descida e recuperação. “Os sistemas funcionaram conforme projetados, protegendo quatro vidas humanas viajando a 25 mil milhas por hora”, afirmou Amit Kshatriya, administrador associado da agência.

Além da engenharia, a missão produziu dados relevantes para pesquisas científicas. Experimentos conduzidos a bordo analisaram os efeitos da microgravidade e da radiação sobre o corpo humano, um dos pontos críticos para missões de longa duração. As imagens captadas na região do chamado “terminador lunar” — a fronteira entre dia e noite — são consideradas estratégicas por reproduzirem condições de iluminação semelhantes às do polo sul da lua, onde a Nasa pretende realizar futuros pousos.

O impacto simbólico também foi evidente. Ao descrever a visão do planeta a partir do espaço profundo, Christina afirmou, em coletiva do retorno da missão, que a Terra parecia “um bote salva-vidas no universo”.

US\$ 4 bilhões

O custo da missão ajuda a dimensionar a escala do projeto. Estimativas baseadas em relatórios do Escritório do Inspetor-Geral da Nasa indicam que esse valor ultrapassa a faixa de US\$ 4 bilhões. Já o programa Artemis como um todo pode superar US\$ 100 bilhões até 2030, considerando desenvolvimento tecnológico, infraestrutura e contratos industriais.

No embalo de “The Dark Side of The Moon”

A Órion ficou perto de 41 minutos sem comunicação com a Terra ao passar pelo “lado oculto da lua”. O tempo é semelhante à duração do álbum “The Dark Side of the Moon” (1973), da banda Pink Floyd. O fato foi comentado pelos fãs do grupo nas redes sociais. O emblemático disco tem aproximadamente 43min de duração.

“The Dark Side of the Moon” não se refere à porção do satélite que não é vista pelos olhos humanos. A proposta do grupo foi fazer uma analogia com o lado oculto da mente. Já David Bowie tinha interesse pelo tema da corrida espacial. O álbum “Space Oddity” (1969) surgiu no contexto da exploração do espaço. O single com a canção foi lançado em 11 de julho. No dia 20 de julho, a Apollo 11 pousou no satélite. A BBC incluiu a canção “Space Oddity” em sua programação durante a cobertura da chegada do homem à lua. Daí, o hit de Bowie ficou associado ao momento histórico.

Com a missão concluída, a Nasa iniciou a preparação para a Artemis III, prevista para 2027. A próxima etapa deve testar o acoplamento da cápsula Orion com módulos de pouso desenvolvidos por empresas privadas e, posteriormente, viabilizar o retorno de astronautas à superfície lunar, visando o polo sul do satélite, área ainda não tocada pelos humanos.

Essa fase envolve desafios mais complexos do que o sobrevoo realizado agora, incluindo operações de abastecimento em órbita e integração entre diferentes sistemas. Ainda assim, a avaliação institucional é de avanço consolidado. “Artemis II provou o veículo, as equipes e a arquitetura que permitirão o retorno humano à superfície lunar”, declarou Kshatriya. **E**

Além do cinema

Reconhecido por seu trabalho e postura política, Wagner Moura integra lista das 100 pessoas mais influentes do mundo da Time

O ator e diretor Wagner Moura foi eleito uma das 100 pessoas mais influentes do mundo pela revista Time na edição Time 100 de 2026. A honraria coroa um ano de consagração internacional para o artista baiano, impulsionado pelo sucesso do filme “O Agente Secreto”, de Kleber Mendonça Filho, no qual foi protagonista. Além disso, o brasileiro foi destacado por ser um artista que não hesita em se manifestar politicamente.

Entre os escolhidos para a Time 100 deste ano estão o ator Benicio Del Toro, o estilista Ralph Lauren, o cineasta iraniano Jafar Panahi, o CEO da Paramount Skydance David Ellison (que esteve no centro da disputa pela Warner Bros. Discovery), e os brasileiros Luciano Moreira (cientista que desenvolve pesquisa com mosquitos modificados para impedir a transmissão de doenças como dengue e zika) e Mariangela Hungria, da Embrapa.

Moura foi um dos quatro “influentes” a estampar a capa da Time 100 (as outras versões são a atriz Zoe Saldana, o cantor Luke Combs e a comediante Nikki Glaser). Para os editores da Time, o longa de Mendonça Filho, ambientado na ditadura, teve repercussão global, em especial entre o público americano, que identificou no filme a crescente ameaça do autoritarismo.

Pelo papel de um cientista que foge em busca de paz, Moura recebeu o prêmio de Melhor Ator no Festival de Cannes do ano passado e a inédita indicação de um brasileiro ao Oscar de Melhor Ator. Embora o filme não

tenha levado estatuetas, a equipe de “O Agente Secreto” celebrou as quatro indicações – inclusive de Melhor Filme – como um triunfo.

Como costuma acontecer na Time 100, uma pessoa é convidada para falar dos escolhidos. O ator Jeremy Strong (“Succession” e “O Aprendiz”) assina o texto que apresenta Moura. Ele observa que o artista baiano é uma lenda no Brasil e um nome conhecido no cenário internacional já há algum tempo. “Mas, neste último ano, Moura rompeu o teto do mundo”.

O lado político também foi mencionado por Strong. “Moura, que viveu sob o governo de direita de Jair Bolso-

naro entre 2019 e 2023, é alguém que entende que democracia e liberdade são coisas pelas quais se deve lutar todos os dias”. Strong acrescenta: “Ele é uma força tanto política quanto humana, uma combinação da qual precisamos desesperadamente mais”.

A Time destaca que o brasileiro, hoje vivendo em Los Angeles, levanta questões críticas direcionadas tanto para o Brasil quanto para os Estados Unidos. “Nunca tive medo de dizer no que acredito, porque é assim que eu sou”, disse para a revista.

Para a publicação, Moura mantém um estilo que descreve como “antiga Hollywood”. Afinal, ele não usa redes sociais, ouve música em vinil e dirige um Fusca 1959. “Em um mundo cada vez mais digital — e artificialmente ‘inteligente’ —, ele surge como um antídoto analógico inesperado”.

A formação de Moura como jornalista foi lembrada pela revista. E isso o levou a falar sobre polarização. “O que me assusta é que a verdade, tal como a conhecíamos, se desfez. Os fatos não importam mais. Quando falamos de polarização, falamos da criação de universos paralelos, narrativas paralelas”, analisa. Moura diz ainda que não é por acaso que governos autoritários atacam artistas, além de jornalistas e acadêmicos. Para ele, a arte é uma forma de verdade que não pode ser distorcida. “A arte é verdadeira”, defende. 

Wagner Moura, que se destacou pela atuação em “O Agente Secreto”, estampou uma das capas da edição



REPRODUÇÃO INSTAGRAM

Nos passos de Bolt

Aos 18 anos, o atleta australiano Gout Gout corre os 200m em 19s67, supera recorde mundial sub-20 e registra tempo melhor que o ídolo jamaicano na mesma idade

Há números que, isolados, impressionam. E há aqueles que mudam a forma de olhar um atleta. No domingo, 13, em Sydney, na Austrália, durante um campeonato nacional de atletismo, o jovem Gout Gout, 18 anos, passou por esse momento. O velocista australiano completou os 200 metros em 19s67, novo recorde sub-20. Mas há outro ponto que chama atenção. Com esse resultado, Gout Gout supera o tempo registrado por uma lenda do esporte quando tinha a mesma idade: o jamaicano Usain Bolt fez 19s93 em 2004.

A comparação não é gratuita. Bolt, o homem mais rápido da história, só atingiu o nível conquistado por Gout Gout na casa dos 20 anos. O atleta australiano tem chamado atenção no esporte desde a adolescência e hoje há grande expectativas de que ele siga os passos do jamaicano. Bolt é detentor dos recordes mundiais dos 100m (9,58s), 200m (19,19s) e 4x100m (36,84s), todos estabelecidos entre 2009 e 2012. Ele conquistou 8 medalhas de ouro olímpicas e 11 títulos mundiais.

Nascido em 29 de dezembro de 2007, em Ipswich, Gout Gout é filho de imigrantes do Sudão do Sul. Cresceu em uma família com sete filhos e passou a infância longe das pistas. Jogava futebol e tinha o português Cristiano Ronaldo como principal ídolo. A velocidade apareceu em competições escolares, quando começou a vencer adversários mais velhos e chamou a atenção de treinadores.

Do início nos treinos até as primeiras vitórias impactantes, a evolução foi rápida. Em 2023, aos 15 anos, venceu os 100 metros e os 200 metros no Campeonato Australiano Júnior. No ano seguinte, ganhou projeção internacional ao correr os 100 metros em 10s29 em

Queensland, marca que viralizou nas redes sociais e o colocou no radar do atletismo global. Ainda em 2024, conquistou a medalha de prata nos 200 metros no Mundial Sub-20, em Lima, com 20s60, e se profissionalizou meses depois, assinando contrato com a Adidas.

Mas foi nos 200 metros que sua trajetória passou a se destacar mais. Em dezembro de 2024, aos 16 anos, correu em 20s04 e se tornou o mais rápido da história nessa idade, superando o tempo de Bolt quando tinha a mesma idade.

Em 2025, venceu sua primeira competição fora do país, em Ostrava, na República Tcheca, com 20s02. No Campeonato Mundial de Tóquio, che-

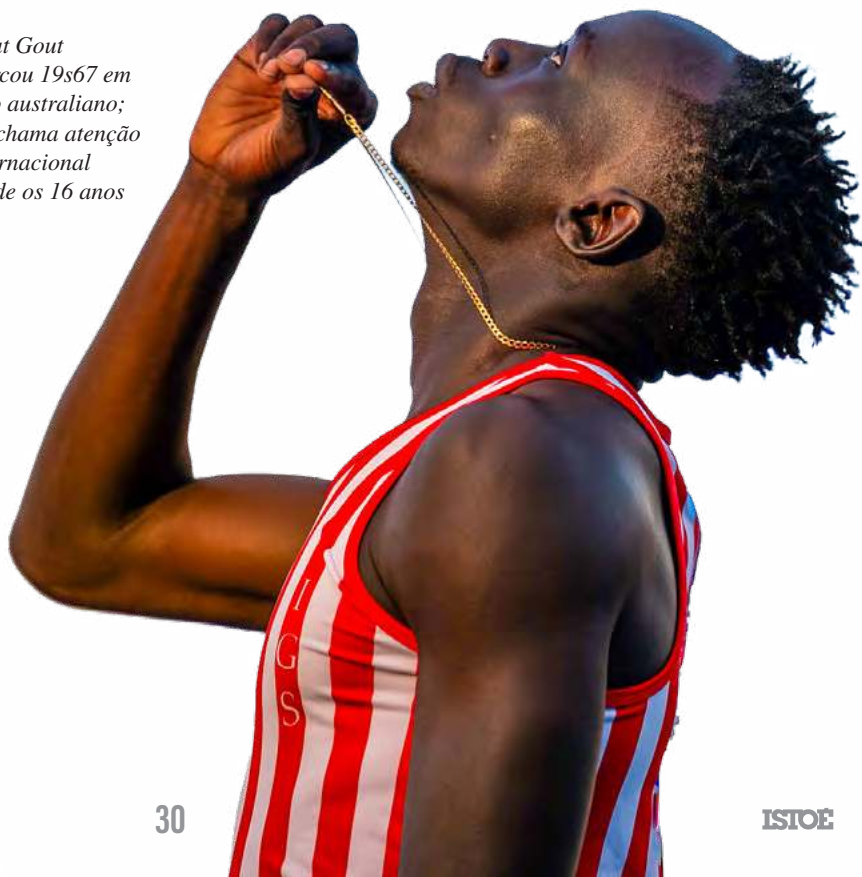
Gout Gout marcou 19s67 em solo australiano; ele chama atenção internacional desde os 16 anos

gou às semifinais dos 200 metros como o atleta mais jovem da prova, com 17 anos. No mesmo período, passou a se aproximar da barreira simbólica dos 10 segundos nos 100 metros, registrando 10s00 em solo australiano.

O 19s67 em Sydney, em 2026, consolida essa sequência de evolução. A marca foi obtida com vento dentro do limite permitido (1,7 m/s), o que garante validade oficial, ainda sujeita à homologação da World Athletics. Mais do que um resultado isolado, o tempo confirma um padrão de desempenho que antecipa etapas normalmente alcançadas apenas no auge da carreira.

O resultado quebrou a marca do norte-americano Erriyon Knighton, de 19s69, obtida em 2022. A comparação com Bolt se faz pela trajetória do ídolo jamaicano.

Gout Gout disputará o Campeonato Mundial Sub-20, em agosto, nos Estados Unidos, com foco no título nos 200 metros. No horizonte mais amplo, o calendário aponta para os Jogos Olímpicos de Los Angeles, em 2028, quando o fenômeno australiano terá 20 anos — a mesma faixa etária em que Bolt começou a consolidar seu domínio internacional. **E**



De malas prontas

Com o aumento de mulheres fazendo turismo, inclusive solo, setor busca oferecer experiências mais seguras para elas; Tailândia, Uruguai e Lençóis Maranhenses são destinos em alta

Carolyna Bazanini



Lazer, independência e liberdade são os principais motores por trás das viagens

REPRODUÇÃO/INSTAGRAM

O mercado de turismo focado em mulheres deixou de ser um nicho para se consolidar como um movimento global, com as buscas mundiais por “viagens solo para mulheres” registrando um salto de 30% nos últimos anos nas ferramentas online. No Brasil, essa onda também ganhou força recentemente. Quatro em cada dez brasileiras já se aventuraram sozinhas, segundo a pesquisa “Mulheres que Viajam Sozinhas”, realizada pelo Ministério do Turismo (MTur) em parceria com a Unesco.

“A gente tem todo o direito de ocupar o espaço público com nossos corpos, de circular nesse mundo e viajar com segurança”, diz Dandara Degon, fundadora da Woman Trip, agência que atua há 14 anos montando roteiros exclusivamente para mulheres.

A pesquisa do MTur revela que o maior grupo têm entre 35 e 44 anos (34,6%), uma fase da vida que costuma unir estabilidade financeira e um desejo de conhecer novos lugares. A pesquisa ainda aponta que 67,7% das mulheres que viajam sozinhas não têm filhos e, entre as mães, 77,2% já viajaram acompanhadas deles.

Mas o que as move? Segundo o estudo, lazer (72,6%), independência e liberdade (65,1%) e autoconhecimento (41,4%) são os principais motores por trás das viagens. Quanto aos roteiros, as brasileiras buscam por cultura (68,3%) e pelo contato com a natureza no ecoturismo (64,2%).

No entanto, para Dandara, o destino é apenas o palco para as conexões que são formadas, principalmente com

outras mulheres, que também compartilham vivências e momentos. “O mais importante naquela viagem é a conversa dentro do carro, no restaurante”, ressalta.

Apesar da vontade de explorar o mundo, o medo ainda dita a escolha dos destinos e até se vão ou não viajar. De acordo com o estudo, 62,1% das brasileiras já desistiram de uma viagem por falta de segurança, e 60,6% relataram ter passado por situações de risco ou desconforto durante trajetos solo.

Dandara pontua que o planejamento ainda exige camadas de cuidado que os homens raramente precisam considerar. “Antes mesmo de dizer ‘eu quero ir’, tenho de perguntar: ‘é seguro? Posso usar essa roupa? A localização do hotel é confiável?’”, pontua.

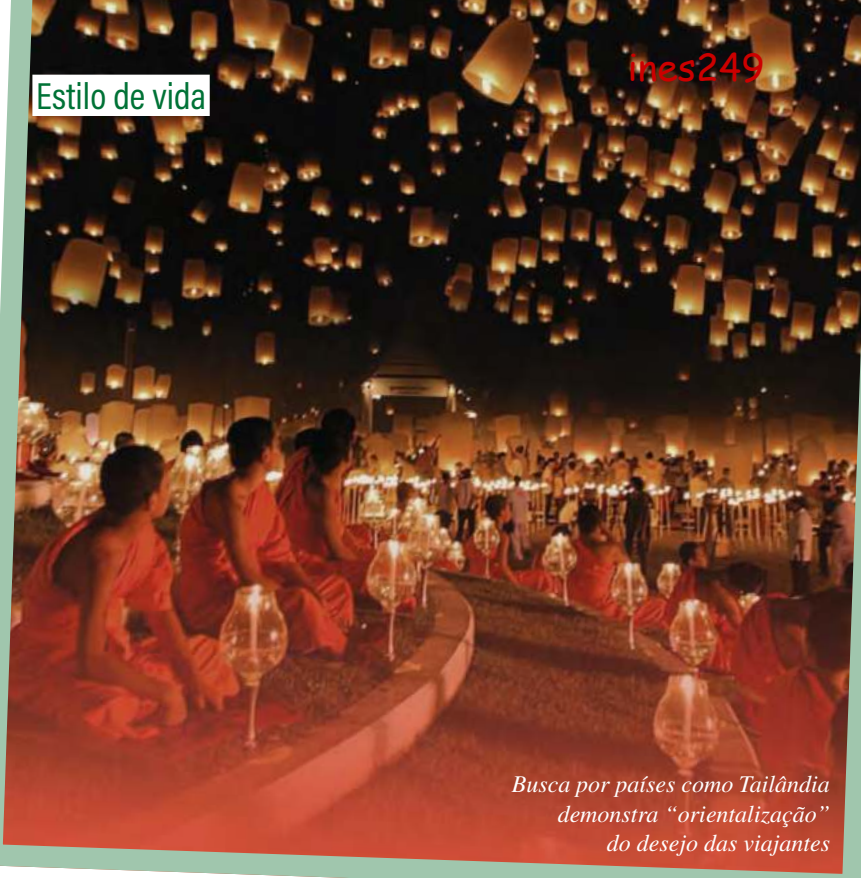
No cenário institucional, políticas públicas também tentam correr atrás dessa demanda. O guia produzido recentemente pelo MTur destaca avanços como a Lei nº 14.786, que tornou obrigatório o protocolo “Não é Não” em bares e casas noturnas.

Lugares com baixa criminalidade estão em crescimento, como o Uruguai



REPRODUÇÃO/FACEBOOK

Estilo de vida



Busca por países como Tailândia demonstra “orientalização” do desejo das viajantes

REPRODUÇÃO/INSTAGRAM

Destinos mais procurados

Na hora de escolher o próximo destino, a segurança ainda é o filtro principal. De acordo com o ranking da Berkshire Hathaway Travel Protection (BHTP) e o Women, Peace and Security Index (WPS Index), os campeões em bem-estar feminino ainda são Países Baixos, Islândia, Noruega, Suíça e Áustria.

Porém, destinos como Costa Rica, Estônia, Vietnã e Uruguai, que combinam baixa criminalidade com uma cultura mais aberta a estrangeiros, também estão em crescimento. A Costa Rica, por exemplo, subiu da 60ª para a 34ª posição no WPS, assim como o Uruguai, que passou da 59ª para a 35ª colocação.

Dandara antecipa que a Ásia é a próxima fronteira a ser cruzada, com Japão, Coreia do Sul, China e Tailândia liderando uma “orientalização” do desejo das viajantes. Além disso, o olhar para a América do Sul (Chile, Colômbia e Peru) retorna com força total.

“Agora falamos muito sobre a questão de nos descobrimos latinos. As pessoas voltam a buscar esses destinos, inclusive com um outro olhar. Às vezes a pessoa já até conhecia, mas volta e realiza aquela viagem novamente para vivenciar a ‘latinidade’”, conta.

O Brasil em foco

Por mais que o turismo internacional no país viva um momento recorde, com 9,3 milhões de visitantes estrangeiros em 2025, um aumento de 37,1% em relação ao ano anterior, esse número vem em um contexto de números recordes de violência contra mulheres.

Pesquisas indicam que mais de 21 milhões de mulheres sofreram algum tipo de agressão nos últimos 12 meses. Para Dandara, um ponto essencial do setor passa a ser garantir que as mulheres possam ir e vir com respeito.

“É importante divulgarmos o Brasil como um destino seguro para mulheres. É importante conseguirmos mostrar que é um lugar que as mulheres podem ir, ser respeitadas, se divertir e voltar em segurança”, ressalta.

Por aqui, os destinos favoritos das viajantes incluem Jalapão (TO), Lençóis Maranhenses (MA) e cidades litorâneas como Maceió, Porto de Galinhas e Trancoso. “Preconceitos só caem quando a gente conhece o outro. Ao ver outras mulheres fazendo, eu ganho coragem para fazer também”, completa Dandara. **E**

No Brasil, um dos destinos favoritos das mulheres é o Jalapão (TO)



DIVULGAÇÃO

Nota máxima

Tuju e Evvai, de São Paulo, são os primeiros restaurantes da América Latina a conquistar três Estrelas Michelin; guia ampliou lista com novos estabelecimentos

Os restaurantes Evvai e Tuju, de São Paulo, foram os grandes destaques do Guia Michelin Rio de Janeiro & São Paulo 2026 ao conquistarem três estrelas, a classificação máxima da premiação. O anúncio foi feito na noite da segunda-feira, 13, em cerimônia realizada no Copacabana Palace, no Rio.

Com o resultado, o Brasil se torna o primeiro país da América Latina a ter restaurantes com três estrelas Michelin. As duas casas paulistanas já possuíam duas estrelas e foram promovidas nesta edição. Segundo o próprio guia, os dois restaurantes passam a ser referências globais, com propostas “capazes de justificar uma viagem por si só”, critério que define o nível mais alto da premiação.

O Tuju, do chef Ivan Ralston, celebrou a conquista no Instagram: “Mais do que um prêmio para o restaurante, vemos este momento como um reconhecimento da gastronomia brasileira. A prova de que, a partir do nosso território, da nossa cultura e dos nossos ingredientes, é possível alcançar excelência”. Liderado pelo chef Luiz Filipe Souza, o Evvai, por sua vez, escreveu que as três estrelas são um marco que traduz “a trajetória de uma equipe comprometida com consistência e dedicação, e honrados com a responsabilidade que essa conquista carrega”.

Além das promoções, o guia concedeu uma nova estrela ao restaurante Madame Olympe, comandado por Claude Troisgros no Rio de Janeiro. Com isso, o Brasil passa a contar com 19 restaurantes na categoria de uma estrela.

Entre os estabelecimentos que mantiveram duas estrelas estão D.O.M., Lasai e Oro. Já na categoria de uma estrela, seguem nomes como Maní, Kinoshita, Jun Sakamoto, Murakami, Oteque e Mee, entre outros. A edição

2026 não registrou perdas de estrelas entre os restaurantes avaliados.

Na categoria Bib Gourmand, que reconhece restaurantes com boa relação entre qualidade e preço, seis novos estabelecimentos foram incluídos: Koral, Jiquitaia, Manioca JK, Ping Yang Thai, Tabôa Cozinha Artesanal e Tanit. Com as adições, a categoria passa a reunir 44 casas.

O guia também ampliou a lista de recomendados, com sete novas entradas no Rio e em São Paulo. Ao todo, a seleção reúne 149 restaurantes.

Entre os prêmios especiais, o chef Raphael Zanon, do Casa 201, foi reconhecido na categoria de serviço. O guia destacou ainda iniciativas sustentáveis, com a manutenção da estrela verde para A Casa do Porco, Corrutela e Tuju.

Criado na França no início do século 20, o Guia Michelin é uma das principais referências da gastronomia



Evvai, do chef Luiz Filipe Souza, destacou a consistência e a dedicação da equipe

mundial e utiliza inspetores anônimos para avaliar os restaurantes. Na classificação, uma estrela indica que o local “vale a parada”, duas sugerem que “vale o desvio” e três representam destinos que “valem a viagem”. Todos os ganhadores no site oficial da premiação. **E**

© KATOT8

Tuju, do chef Ivan Ralston, celebrou o reconhecimento da gastronomia brasileira



Paladar de outono

Restaurantes de São Paulo renovam seus menus e apostam em pratos quentes, sabores intensos e técnicas reconfortantes para acompanhar a estação

Beatriz Mizuno

Com o outono e a aproximação de dias mais frios, a alimentação também se transforma: pratos mais quentes e caldos encorpados ganham espaço, em detrimento dos sabores leves e refrescantes que estiveram em destaque nos últimos meses. Atentos à sazonalidade, restaurantes de São Paulo recebem novos menus adequados à estação, com ingredientes de sabor intenso, técnicas de cocção lenta e combinações que privilegiam o conforto.

As novidades revelam diferentes maneiras de trazer o outono à mesa; se-

ja pelos contrastes da cozinha espanhola contemporânea aos rituais japoneses centrados em caldos, passando por interpretações clássicas da culinária europeia, privilégio do forno nos preparos e muito mais. A seguir, confira restaurantes com menu renovado para o outono.

Paloma

Comandado pela chef Gabi Guerriero, o bar-restaurant aos pés do Copan, no centro velho da capital paulista, inicia o outono com um cardápio de

forte inspiração espanhola e olhar contemporâneo. O percurso vem marcado por acidez, salinidade e contrastes, criando um diálogo entre influências ibéricas e o clima ameno da estação.

Entre as novidades, aparecem o Escabeche de sardinha em massa folhada com ricota e tapenade (R\$ 59), o Porco ibérico com feijão branco cremoso e escarola à la plancha (R\$ 89) e a Calamarata com lula al ajillo, ervilha-torta e anis (R\$ 79). Para encerrar, opções como a Torrija com crema catalana, chantilly e laranja (R\$ 43).

@paloma_sp

Ryo Gastronomia

O chef Edson Yamashita apresenta seu novo omakase (estilo de refeição onde o cliente confia totalmente no chef para escolher e servir os melhores pratos) de outono no premiado Ryo, retornando às raízes da culinária japonesa para destacar a delicadeza técnica e a profundidade dos dashi (caldos), eixo central da experiência. Fiel à sazonalidade, o menu aposta em sabores sutis, texturas contrastantes e ingredientes de perfil terroso.

A jornada inclui etapas como o Osen Tamago com tartar de bluefin e dashi gelado, o Sakana Arai de buri com espuma de leite e karasumi, o



ANA WEBER

Paloma

Calamarata com lula al ajillo, ervilha-torta e anis



Ryo Gastronomia

Shabu-Shabu com wagyu e nabo cozido

KENZO SANEMATSU

Estilo de vida

ines249

Torto Cozinha

Pão com ovo e caviar

Kari Kari Ten, tempurá de cherne ultracrocante, e o Wakasa Yaki, pargo grelhado no carvão com emulsão de espinafre. Próximo ao fim, Shabu-Shabu com wagyu e nabo cozido em múltiplos dashis, seguido por sobremesa à base de melão.

Valores do omakase: R\$ 1.600 pelo jantar no balcão, sem harmonização; R\$ 1.450 pelo jantar na mesa, sem harmonização; R\$ 850 pelo almoço, em menu com oito etapas | Valores da harmonização: R\$ 1.000, no jantar; R\$ 690, no almoço.

@ryogastronomia

Torto Cozinha

O Torto Cozinha reabre na Pompeia, na zona oeste, com novo menu à la carte que reforça o conceito “do clássico ao caos”, combinando bases da culinária francesa com contrastes

inesperados de sabor e técnica. Sob comando de Bruno Nogueira e Poliana Rodrigues, a casa retorna mais ajustada à própria identidade, com novidades como o Pão com ovo e caviar (R\$ 45) e o Vori vori (R\$ 85), com ossobuco em caldo concentrado.

Também aparecem, entre os pratos estreados, a Língua com vinagrete de maçã-verde (R\$ 75) e o Ravioletti vegetariano (R\$ 85), com abóbora confitada e figo liofilizado. Nas sobremesas, o contraste segue com o Sorvete de cumaru com batata frita (R\$ 40) e a Pavlova vertical (R\$ 45).

@tortocozinha

Forno da Pino

O Forno da Pino apresenta um cardápio estruturado em torno do forno a lenha, que passa a conduzir a identidade da casa ao reunir massas gratinadas,

cortes de cocção lenta e pizzas de massa fina. As criações levam assinatura do chef executivo Massimo Barletti.

Entre os destaques estão o Conchiglioni Emmentaler e Prosciutto (R\$ 92), gratinado até formar crosta dourada, o Filetto di Manzo ai Funghi (R\$ 112), com mignon e tagliatelle ao molho Alfredo trufado, e a Spalla d'Agnello (R\$ 136), preparada lentamente e servida com taglioni na manteiga e sálvia. Nas massas, aparecem ainda o Fettuccine al Limone Gamberi (R\$ 124) e a Carbonara (R\$ 88), enquanto as pizzas individuais — como Margherita (R\$ 72), Prosciutto e Burrata (R\$ 72) e Salami-Piccante e Gorgonzola (R\$ 75).

@fornodapino

Clementina

O bar de vinhos em Pinheiros ganha menu assinado pelo chef Tiago Soar, pensado para harmonizar com a carta de mais de 100 rótulos da casa.

O cardápio segue com as pizzas que já eram queridas pelos clientes, como a Puglia e peppe (R\$ 62), com bechamel de pimenta, batatas laminadas e queijo tulha. Dentre as novidades, destaque para o Corn Ribs (R\$ 42), milho frito servido com maionese de manteiga, queijo tulha e pó de alga nori, e o Steak tartarlette (R\$ 58), tartar de frescal — carne típica da Serra Catarinense — com aioli de raiz forte e queijo tulha. Para encerrar, experimente a Torta basca (R\$ 38) de coco com caramelo de maracujá.

@clementina__sp

Forno da Pino

Spalla d'Agnello

Clementina

Corn Ribs

Aquecimento para a Copa

Netflix monta uma “linha do tempo” com produções exclusivas que fazem um esquentar para o Mundial

Ivan Gomes

Em ano de Copa do Mundo, a Netflix consolidou uma estratégia agressiva: transformar o futebol, e especificamente a mística da seleção brasileira no coração de sua grade de programação global. Por meio de um mergulho na intimidade dos ídolos e nos bastidores das grandes conquistas, a plataforma prepara o terreno para o clima de Mundial com lançamentos que mexem com o imaginário do torcedor.

Para começar a ofensiva, a empresa colocou no catálogo nesta quinta-feira, 16, a minissérie documental “Ronaldinho Gaúcho”. Dividida em três episódios, a produção não é apenas uma

biografia esportiva, mas uma investigação sobre a natureza do jogador. O documentário busca decifrar como o menino que surgiu nas categorias de base do Grêmio, em Porto Alegre, tornou-se o “Bruxo”, um jogador que não apenas decidia jogos, mas que mostrava que nasceu para brilhar, sempre levando a magia e alegria para dentro do campo.

O primeiro episódio da série, coprodução da Canal Azul e da Trailer Films, foca nas raízes do jogador: a infância no Rio Grande do Sul, a influência da família e a dor da perda precoce do pai, elemento que moldou sua relação com o irmão e empresário Assis. A série avan-

ça rapidamente para o momento em que o mundo descobre Ronaldinho, destacando sua explosão técnica.

O segundo ato da série mergulha no auge absoluto de sua carreira no FC Barcelona. Foi na Catalunha que Ronaldinho atingiu o status de divindade esportiva, retirando o clube de uma fila de títulos, chegando a ser aplaudido de pé pela torcida do Real Madrid em pleno Santiago Bernabéu. A Netflix traz depoimentos para analisar esse período, com relatos de figuras como o argentino Lionel Messi, que reconhece em Ronaldinho seu grande mentor, o espanhol Carles Puyol, que detalha sua liderança técnica, e Neymar, que discute o legado e a inspiração que o craque deixou para as gerações seguintes.

O episódio final aborda a glória da Copa de 2002 e os bastidores de sua trajetória, sem fugir das polêmicas que marcaram o fim de sua carreira profissional e sua vida pessoal. Na voz icôni-

Em três episódios, “Ronaldinho Gaúcho” conta da infância às conquistas e polêmicas





DIVULGAÇÃO

“Tetra: Acreditar de Novo” foca na força do coletivo para a seleção encerrar um jejum de 24 anos sem títulos mundiais

ca de Galvão Bueno, que ajuda a narrar os grandes feitos do ex-jogador, a série utiliza imagens inéditas para mostrar o homem por trás do gênio.

Dando continuidade à sua estratégia de domínio do nicho futebolístico, a Netflix lança no dia 7 de maio mais um documentário, “Tetra: Acreditar de Novo”, também da Trailer Films. Se a série de Ronaldinho foca na magia individual, a produção foca na força de um coletivo que precisou superar o descrédito de uma nação inteira para encerrar um jejum de 24 anos sem títulos mundiais.

Sob a direção do cineasta Luis Ara – que também assina o documentário de Ronaldinho –, a obra foca nos bastidores da Copa do Mundo de 1994, nos Estados Unidos. O grande diferencial desta produção é o material de arquivo: o documentário utiliza imagens inéditas gravadas pelos próprios jogadores durante a concentração e as viagens. O lateral Jorginho e o goleiro Gilmar Rinaldi foram os responsáveis por registrar momentos que as câmeras de TV não tiveram acesso, revelando a intimidade do vestiário, algo quase inalcançável no futebol moderno.

A narrativa é enriquecida por depoimentos atuais de figuras centrais como Romário, Bebeto e o capitão Dunga. Depoimentos de rivais italia-

nos ajudam a reconstruir o drama da final no Rose Bowl, em Pasadena (Califórnia), vencida pelo Brasil graças ao erro decisivo de Roberto Baggio, que desperdiçou a última cobrança da Itália nas penalidades.

Além das séries documentais, a gigante do streaming aposta na ficção para alimentar o “saudosismo” do torcedor brasileiro. A minissérie “Brasil 70 – A Saga do Tri”, produzida pela Netflix em parceria com a O2 Filmes,

tem lançamento previsto para 29 de maio. Ela recria personagens históricos que marcaram a trajetória da seleção na Copa do México. Lucas Agrícola, Rodrigo Santoro e Bruno Mazzeo caracterizados como Pelé (o craque da seleção), João Saldanha (que montou o time) e Zagallo (o treinador que conquistou o caneco), respectivamente, ditam o desenrolar da obra. A trama mergulha nos desafios, nas emoções e nos temores que acompanharam a equipe durante a preparação e a disputa da Copa de 1970.

Bastidores do penta

Para fechar esse arco histórico, a plataforma mantém em destaque “Brasil 2002 - Os Bastidores do Penta”, lançado pouco antes do início da última Copa, servindo como o complemento perfeito para as novas produções. Ao unir a história do tetra (1994), a trajetória individual de Ronaldinho, a saga do tri e o relato da última conquista (2002), a Netflix cria uma linha do tempo documental que explica por que o Brasil é considerado a maior potência do futebol mundial. **E**

Minissérie ficcional, “Brasil 70 – A Saga do Tri” mostra os bastidores da conquista de uma das Copas mais emblemáticas; Pelé é interpretado por Lucas Agrícola

ALEXANDRE SCHNEIDER



A atriz Walerie Gondim interpreta Gal Costa no musical em cartaz em São Paulo até 10 de maio



REPRODUÇÃO/INSTAGRAM

Voz da vanguarda

Sob direção de Marília Toledo, “Gal Costa — O Musical” mergulha na vida da artista como força política da Tropicália

Marília Barbosa

Em cartaz em São Paulo até 10 de maio, o espetáculo “Gal Costa — O Musical” mergulha profundamente na trajetória de uma das maiores vozes do Brasil, mas foge do óbvio. Sob a direção de Marília Toledo e Kleber Montanheiro e com a atriz Walerie Gondim na pele de Gal Costa (1945-2022), a montagem deixa de lado a estrutura biográfica tradicional para investigar o psicológico da artista e seu papel fundamental — e muitas vezes silenciado — como porta-voz do movimento cultural brasileiro de vanguarda Tropicália (1967).

Marília detalha o processo de criação que transformou a vida da veterana dos palcos em uma “jornada da heroína”, recheada de misticismo, feminismo e resistência política. Para a diretora, a pesquisa iniciada em 2024 revelou uma Gal que ia muito além da intérpre-

te dócil. Baseando-se em estudos sobre a Tropicália, ela destaca que a artista foi a peça fundamental para que o movimento ganhasse o mundo.

“Sem a voz dela, sem as interpretações da Gal, talvez o alcance não tivesse chegado onde chegou. O Caetano [Vieloso] fala muito sobre isso, o quanto a Gal é uma co-autora. [...] Tem muito isso no espetáculo: o quanto a voz da Gal era a arma dela.”

Essa postura de vanguarda também se manifestava no corpo e na moda. Marília relembra episódios de hostilidade de que a artista enfrentava por simplesmente ser quem era: “Ela era chamada de suja, de violenta na rua, por causa do Black Power, da maneira de se vestir. Ela tinha uma atitude toda que era muito à frente, e extremamente feminista.”

Uma das maiores inovações do espetáculo — que está em cartaz no 033

Rooftop, no Complexo JK Iguatemi — é sua estrutura narrativa. Inspirada pela psicologia analítica e pelo livro “A Jornada da Heroína”, de Maureen Murdoch, a dramaturgia acontece dentro da cabeça de Gal. A artista é apresentada em cena acompanhada por três figuras míticas que representam facetas de seu inconsciente: Gilgamesh, o lado masculino (animus); Ereskigal, a sombra, que guarda a sexualidade e a impulsividade reprimidas; e Inanna, o self, o centro maternal e espiritual.

“A gente deu esse final poético para a Gal. As músicas têm a função totalmente dramatúrgica. Não existe nenhuma canção ali que está fora do contexto dramatúrgico. Não é cantar por cantar”, explica.

A espiritualidade é outro pilar central. Devota do Candomblé e filha de Obá Luaiê, Gal tinha na figura de Mãe Menininha do Gantois um norte espiritual. Para honrar essa raiz, a produção fez questão de buscar o elenco em Salvador.

A escolha de Walerie para viver Gal foi pautada pela essência. Marília, que já dirigiu musicais sobre Silvio Santos e Ney Matogrosso, reforça que o objetivo nunca é a imitação pura. “É uma inspiração. A Walerie já tem semelhança física e de timbre também. É uma coisa muito maluca como ela remete à Gal Costa sem fazer muito esforço”, diz.

O elenco conta ainda com a preparação de Ciro Barcelos (ex-Dzi Croquettes), que conviveu intimamente com o quarteto dos Doces Bárbaros, trazendo organicidade aos gestos de Caetano, Gil e Bethânia.

Mais do que uma homenagem, o musical é um posicionamento político sobre o espaço da mulher na arte e na sociedade. Marília ressalta como Gal foi “massacrada” por críticos homens ao longo da carreira, sendo muitas vezes reduzida a uma sombra dos seus parceiros masculinos.

Com um repertório que mistura clássicos como “Baby” e “Festa do Interior” e canções densas como “Recanto Escuro”, o musical promete não apenas matar a saudade dos fãs, mas apresentar a força de Gal para uma nova geração que, segundo Marília, já está redescobrimo a “mãe de todas as vozes”. **E**

Filmes e séries

Angelina Jolie no epicentro da moda

Estreia nesta semana novo filme com Angelina Jolie. Ela transita pela Paris Fashion Week em uma produção que destaca dramas humanos



FOTOS DIVULGAÇÃO

"Vidas Entrelaçadas"

Dirigido por Alice Winocour, o drama se passa nos bastidores da Paris Fashion Week, onde três mulheres de origens distintas têm suas vidas cruzadas. Maxine (Angelina Jolie), cineasta americana, chega à cidade enquanto enfrenta um diagnóstico de câncer de mama; Ada (Anyier Anei), modelo sul-sudanesa em ascensão, tenta escapar de um destino imposto; e Angèle (Ella Rumpf), maquiadora, vive a rotina intensa dos desfiles. Entre provas, passarelas e pressões invisíveis, suas histórias revelam fragilidades e escolhas difíceis. Ao se encontrarem, constroem uma relação de apoio que expõe o contraste entre o brilho da moda e as batalhas silenciosas fora dos holofotes. Com Louis Garrel e Vincent Lindon.



Em cartaz no cinema

"Rio de Sangue"

O thriller traz Giovanna Antonelli como Patrícia, policial jurada de morte pelo narcotráfico. Ela segue para o Pará, onde tenta se reaproximar da filha (Alice Wegmann), médica que atua em uma ONG no Alto Tapajós. Quando ela desaparece, Patrícia enfrenta o crime local.



"Maldição da Múmia"

A filha de um jornalista some em um deserto. Oito anos depois, ela reaparece de forma inexplicável. O reencontro da família se transforma em uma ameaça crescente, com eventos estranhos ocorrendo.

Destaques do streaming

"Margo Está em Apuros"

Protagonizado por Elle Fanning, o filme, que estreou na quarta-feira, 15, acompanha uma jovem que abandona a faculdade para ser escritora, mas tem de lidar com uma gravidez inesperada.

Com Michelle Pfeiffer, Nicole Kidman e Nick Offerman.
Apple TV



"Treta: Temporada 2"

A série traz no elenco Oscar Isaac e Carey Mulligan. Com estreia no dia 16, a trama mostra dois casais envolvidos em um conflito que evolui para chantagens e jogos de poder em um clube de elite.

Netflix



Tensões, ironias e vídeos de IA

A corrida eleitoral chama atenção nas redes, das críticas à falta de ação de ministros para defender o governo Lula à IA que satiriza Flávio Bolsonaro

Ministros em defesa do governo

O advogado e presidente do grupo Prerrogativas (coletivo de advogados, juristas e intelectuais do campo progressista), Marco Aurélio de Carvalho, defendeu um maior engajamento político de parte dos ministros do governo Luiz Inácio Lula da Silva (PT) para defender as ações do Palácio do Planalto. Segundo ele, é necessário que integrantes da Esplanada ampliem a presença nas ruas e reforcem a comunicação dos feitos da gestão. A análise acontece em meio ao aumento da repressão do governo federal nos últimos meses.

Stephanie Mecco



273 mil 29 mil

Embaixada do Irã ironiza Trump com hit dos anos 1980, "Voyage, Voyage"

Em meio às tensas relações diplomáticas com os Estados Unidos, a embaixada do Irã na África do Sul compartilhou um vídeo gerado por IA que ironiza Donald Trump. Com estética dos anos 1980, a peça utiliza o clássico do pop francês "Voyage, Voyage" como trilha para uma letra satírica. O conteúdo menciona o bloqueio do Estreito de Ormuz, rota vital para o petróleo global.



252 mil 19 mil

Como se pega a bactéria associada a um tipo de câncer

A *Helicobacter pylori* pode estar no organismo de metade da população — e, na maioria das vezes, sem causar sintomas. Mas há um alerta: ela está associada a gastrite, úlceras e ao câncer gástrico. Como ocorre a contaminação? Principalmente por vias ligadas à higiene: contato com saliva, fezes ou vômito de pessoas infectadas, além do consumo de água ou alimentos contaminados. Ambientes com condições precárias de saneamento aumentam o risco. Por isso, medidas simples fazem diferença: higienizar bem as mãos, consumir água tratada e ter cuidado com a manipulação dos alimentos.



125 mil 1,3 mil

Neta de Lula satiriza Flávio Bolsonaro com vídeo de IA

A comunicadora Bia Lula, neta de Lula, divulgou vídeo produzido com uso de IA que satiriza o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ). Publicada no domingo, 12, a postagem mostra Flávio, principal opositor do presidente nas eleições de 2026, fazendo a "dança da rachadinha". A peça coloca o rosto de Flávio em um personagem com roupas verde e amarelas, em uma pista de dança, com movimentos sinuosos.



144 mil 4,4 mil

Val Marchiori relata medo em tratamento de câncer

A empresária e apresentadora Val Marchiori utilizou suas redes para detalhar os impactos emocionais de sua nova fase de tratamento contra o câncer. Após concluir os ciclos de quimioterapia, ela relatou vulnerabilidades durante as sessões de radioterapia. "Nesse processo, eu conheci o medo. O medo do desconhecido. O medo do silêncio", afirmou.



124 mil 552

www.istoe.com.br

TikTok: www.tiktok.com/@revistaistoe

Instagram: www.instagram.com/revistaistoe/

LinkedIn: www.linkedin.com/company/istoe

YouTube: youtube.com/@revistaistoe

X: x.com/istoe

Facebook: www.facebook.com/istoedinheiro

Palavra por palavra

ines249



REPRODUÇÃO INSTAGRAM

"A gente não tem filmado muito no Brasil acontecimentos históricos como é feito na França, na Inglaterra, nos Estados Unidos. 'Malês' mostra outra visão, uma que os livros de história não contam"

Antônio Pitanga, diretor de "Malês", ganhador do troféu Jangada de Melhor Filme (júri popular) no 28º Festival de Cinema Brasileiro de Paris; o filme retrata a Revolta dos Malês, o maior levante organizado no país por pessoas escravizadas



REPRODUÇÃO

"Eu sou mimado? Eu estou dando a vida aqui, irmão"

Neymar, jogador do Santos, em bate-boca com torcedor após empate em 1 a 1 com o paraguaio Recoleta pela Copa Sul-Americana, na Vila Belmiro

"O ritmo acelerado de nossas indústrias exige que avaliemos constantemente como fomentar uma força de trabalho mais ágil e tecnologicamente capacitada para atender às necessidades do futuro. Como resultado, eliminaremos cargos em algumas áreas da empresa"

Josh D'Amaro, CEO da Walt Disney Company, em mensagem enviada por e-mail; cerca de mil funcionários foram demitidos



FLICKR

"Isto é para os meus latinos que têm enfrentado dificuldades neste país ultimamente. Estamos com vocês (...) não sintam medo, sintam orgulho"

Karol G, cantora colombiana, que se tornou a primeira headliner latina do Coachella, festival na Califórnia que chegou a 27 edições



AMY HARRIS/AP

"É um tipo de político que faz mal para a humanidade. Tenho muito cuidado para não confundir o povo de Israel com Netanyahu. Há muita gente que quer paz e não concorda com ele"

Luiz Inácio Lula da Silva, presidente do Brasil, sobre o premiê israelense Benjamin Netanyahu, em entrevista aos veículos Brasil 247, Diário do Centro do Mundo e Fórum



RICARDO STUCKERT / PR

ines249

Paixão sobre rodas.



MOTOR SHOW

www.motorshow.com.br

